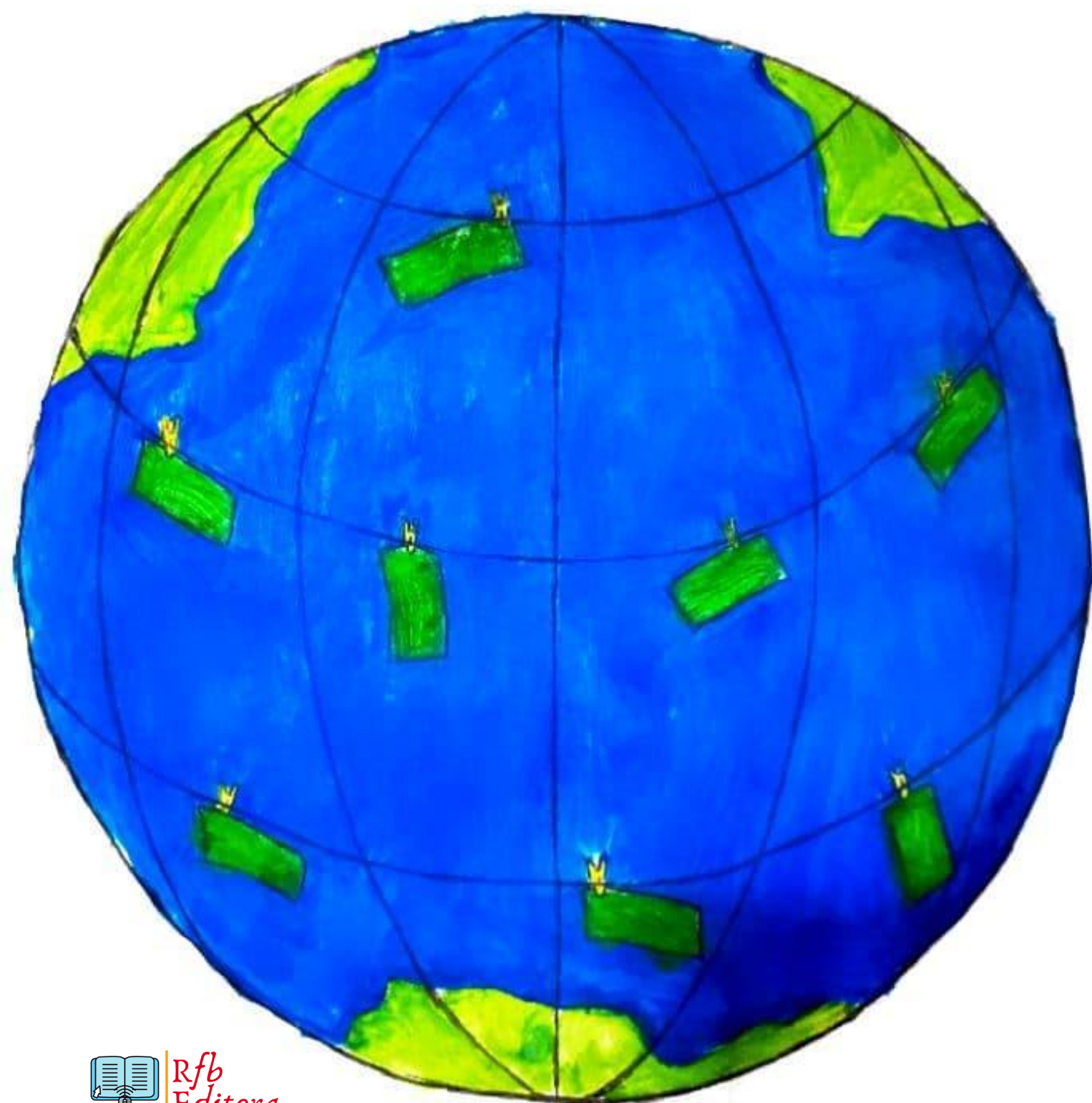


SINISTRA LAVAGEM

J. OLIVEIRA



Rfb
Editora

\$INISTRA LAVAGEM

Copyright © 2021 da edição brasileira.
by RFB Editora

Copyright © 2021 do texto
by Autor

Todos os direitos reservados



Todo o conteúdo apresentado neste livro, inclusive correção ortográfica e gramatical, é de responsabilidade do(s) autor(es).

Obra sob o selo *Creative Commons*-Atribuição 4.0 Internacional. Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original.

Conselho Editorial:

Prof. Dr. Ednilson Sergio Ramalho de Souza - UFOPA (Editor-Chefe)

Prof.^a Dr.^a. Roberta Modesto Braga - UFPA

Prof. Dr. Laecio Nobre de Macedo - UFMA

Prof. Dr. Rodolfo Maduro Almeida - UFOPA

Prof.^a Dr.^a. Ana Angelica Mathias Macedo - IFMA

Prof. Me. Francisco Robson Alves da Silva - IFPA

Prof.^a Dr.^a. Elizabeth Gomes Souza - UFPA

Prof.^a Dra. Neuma Teixeira dos Santos - UFRA

Prof.^a Me. Antônio Edna Silva dos Santos - UEPA

Prof. Dr. Carlos Erick Brito de Sousa - UFMA

Prof. Dr. Orlando José de Almeida Filho - UFSJ

Prof.^a Dr.^a. Isabella Macário Ferro Cavalcanti - UFPE

Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares - UFPI

Prof.^a Dr.^a. Welma Emidio da Silva - FIS

Diagramação:

Danilo Wothon Pereira da Silva

Arte da capa:

Enoque Silva

Revisão de texto:

Janaina Karina Alves Trigo Ramos

Bibliotecária:

Janaina Karina Alves Trigo Ramos

Gerente editorial:

Nazareno Da Luz



Home Page: www.rfbeditora.com

E-mail: adm@rfbeditora.com

Telefone: (91)98885-7730

CNPJ: 39.242.488/0001-07

R. dos Mundurucus, 3100, 66040-033, Belém-PA

Jose de Oliveira

\$INISTRA LAVAGEM

Edição 1

Belém-PA



Rfb
Editora

2021



<https://doi.org/10.46898/rfb.9786558891352>

Catálogo na publicação
Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

O48

Oliveira, Jose de

\$inistra lavagem / Jose de Oliveira – Belém: RFB, 2021.

Livro em PDF

68 p.

ISBN: 978-65-5889-135-2

DOI: 10.46898/rfb.9786558891352

1. Romance. 2. Literatura brasileira. I. Oliveira, Jose de. II. Título.

CDD 869.93

Índice para catálogo sistemático

I. Romance : Literatura brasileira

Nossa missão é a difusão do conhecimento gerado no âmbito acadêmico por meio da organização e da publicação de livros digitais de fácil acesso, de baixo custo financeiro e de alta qualidade!

Nossa inspiração é acreditar que a ampla divulgação do conhecimento científico pode mudar para melhor o mundo em que vivemos!

Equipe RFB Editora





Prefácio

Douglas Gam, está no olho do furacão.

Uma simples discussão na pista de danças de um seletto club, de Miami. Doeval era chefe de segurança, que mergulhou em um mundo de corrupção, lavagem de dinheiro em escala global, contrabando de diamantes em grandes volumes, sequestros, extorsão e assassinatos.

Agora ele é procurado pela polícia e caçado ferozmente pelo crime organizado.

Temendo por sua vida, terá que lutar para sair vivo da situação. Mas a única saída que ele tem...



\$inistra Lavagem

Meu nome é Douglas Gum e estou deitado neste quarto de hotel de quinta categoria. Mas não é por falta de dinheiro, pois estou com quase quinhentos mil dólares em uma valise.

O problema é que tem muita gente querendo minha pele. Ou seja, matar-me.

Tudo começou há quinze dias atrás, quando eu era o chefe da segurança da Boate Star.

No clube vencedores, aqui em Miami Beach. Neste exclusivismo club, os sócios detêm mais da metade do PIB de Miami. E a Boate Star, dentro do club, são os herdeiros deste PIB.

Uma pequena confusão na pista de dança, envolvendo o irmão do sócio majoritário. Dr. Jonas, é responsável por eu estar confinado neste hotel do bairro Liberty City, um dos mais perigosos de Miami.

No dia da confusão, o Matt, irmão do Dr. Jonas com seus dois seguranças, alisou os seios de uma jovem que estava dançando com seu noivo.

O noivo foi tirar satisfação com o Matt, sendo agredido por um dos seus seguranças.

Matt, acha que por ser irmão de um dos homens mais poderosos da Flórida, Dr. Jonas, pode fazer tudo. O Matt, um sujeito arrogante, presunçoso e sem escrúpulos, não aceitou quando meu colega da segurança pediu que o segurança agressor se retirasse do recinto, sendo agredido com um soco pelo Matt.

Como chefe da segurança, fui chamado para resolver o problema. Quando cheguei e com todo tato que a situação exigia, pedi ao Matt que saísse com seus seguranças.

Matt, que estava alcoolizado, aliado à sua arrogância, xingou-me de empregadozinho e virou as costas pra mim.

Quando segurei em seu braço para retirá-lo do recinto, levei um soco dele, instintivamente para defender-me. Dei-lhe um soco no queixo que jogou-o no chão.

Os dois seguranças partiram para mim, mas com um pontapé joguei um longe. Com uma cotovelada derrubei o outro no chão. E com a boca sangrando, Matt olhou para mim com muito ódio estampado no rosto.

Amparado por seus dois capangas, Matt retirou-se, não sem antes jurar-me de morte.

Como acontece nestes casos, o Dj aumentou o som e aos poucos a animação voltou ao local.

Antes do encerramento, o gerente, Sr. Nicolás, chamou-me ao escritório. Procurando as palavras, disse-me que aquele Club e Boate, tinha como sócios a nata da sociedade local. Logo após o episódio, recebera várias ligações criticando a truculência da segurança, agredindo o irmão do sócio mais influente do Club: Dr. Jonas. Pensei comigo: fui dispensado! O gerente disse que ia dispensar-me, mesmo sabendo que eu não era o causador do tumulto.

Fiquei desolado, aquele emprego era muito bom, boa grana além do status que representava.

Em seguida, o gerente mandou que eu esvaziasse meu armário e mandou voltar no dia seguinte para receber os dias trabalhados. Levantou-se, estendeu a mão, que eu apertei porque sabia que não era culpa dele.

Passava das duas horas da madrugada e quando ia pegar meu carro, fui cercado por quatro homens que saíram de um carro. Um deles era o Matt, dando para ver os lábios inchados pelo soco que levou.

Matt cumprimentou-me cheio de sacarmos:

— Boa noite ex-segurança, agora meus amigos vão lhe dar um corretivo.

Retruquei que lá dentro só cumpria meu dever:

— Vamos esquecer revanchismo.

— Se pensa que vai ficar assim está enganado. — e deu uma ordem:

— Quebrem ele!

O que eles não sabiam, é que eu era instrutor de várias modalidades de luta no exército.

O primeiro atacou-me, deixei-o passar e com uma cutelada no posso de Adão, joguei-o por terra contorcendo-se.

O outro deu um soco nas minhas costas, cai de joelhos, recuperei-me rapidamente e o atingi com um pontapé no baixo ventre. Caiu desmaiado.

O outro pelo estilo, era boxeador, atingiu-me no estômago e peito ao mesmo tempo.

Respirei fundo para controlar a respiração e quando partiu contra mim, dei-lhe uma chave de braço, girei o corpo jogando-o longe.

Matt quando viu seus capangas fora de ação, puxou uma pistola e antes que atirasse pulei no chão atingindo-o nas pernas. Mesmo assim ele continuou com a pistola na mão. Mas aí eu já estava muito perto dele, segurei o cano da arma no exato momento que ele puxava o gatilho. A bala penetrou nas costelas do Matt saindo pela garganta caindo no chão com o sangue jorrando pelos ferimentos.

Apavorado, entrei no carro do Matt afastando-me velozmente do local. A uma distância prudente, parei em um posto de gasolina para refletir, mais calmo tentei ordenar meus pensamentos e ações.

Primeiro, pegar minhas coisas no hotel, que seria o primeiro lugar que iam procurar-me. Segundo, buscar meu carro que estava estacionado em uma travessa perto do Club. Procurar um hotel na periferia da cidade onde não fazem muitas perguntas a quem se hospeda.

Em seguida, dei uma geral no carro pra verificar documentos ou outra coisa que poderia servir futuramente. Qual não foi minha surpresa quando no porta-malas encontrei uma valise grande, com muito dinheiro.

Minha índole não aceita que eu fique com coisas alheias. Mas diabo, não foi eu que provoquei tudo isto. E ademais, estou desempregado e sem saber se vou conseguir outro emprego. Uma vez que tanto a polícia como os capangas do irmão do Matt estão atrás de mim.

Joguei a valise no banco dianteiro e fui em busca do meu carro. Parei a uma distância prudente, apaguei os faróis e fiquei observando o carro por alguns minutos.

Como não vi movimentos suspeitos, peguei a valise. Saindo do carro, tendo o cuidado de deixar as chaves na ignição para o caso de alguém levá-lo ou chamar a

polícia. Esgueirei-me pelas sombras até chegar ao carro. Entrei, dei a partida e fui para o hotel fechar a conta.

No hotel que era luxuoso, peguei documentos e algumas roupas.

Na portaria aleguei problema de doença na família para viajar às pressas.

Como destino, o bairro Libert City, um dos lugares mais perigosos de Miami.

Como nesses hotéis não perguntam muita coisa, hospedei-me com outro nome, pagando um mês de diárias adiantadas.

Todo dia saio para comprar jornais e almoçar. Como minha barba cresceu, a noite coloco um boné e vou a um dos muitos bares de aparência suspeita tomar uma cerveja, tendo sempre o cuidado de não ir ao mesmo bar duas noites seguidas.

Escureceu, olhei pela janela, estava caindo uma chuva fininha, quase uma garoa, o que era ótimo, assim podia levantar a gola do casaco dificultando ainda mais meu reconhecimento.

Sempre faço um reconhecimento da área antes de entrar no bar. Não vi nada estranho. Ninguém parado na esquina, nenhum carro suspeito. Entrei!

No bar, várias mesas de sinuca, apesar de gostar de jogar, não arrisquei.

Na hora de ir embora, chamei a garçonete, paguei a despesa, fui ao banheiro, mas para ver se alguém estava observando. Tudo tranquilo.

Saí do bar. A chuva fina continuava. Levantei a gola do casaco, olhei para um lado, para o outro, não notei nada de suspeito. Então fui na direção do hotel no outro quarteirão.

Na esquina, quando ia cruzar a rua, vários homens saíram de uma van atirando. Joguei-me no chão mas não tinha onde proteger-me.

Os atiradores vinham em minha direção com as armas engatilhadas.

Pensei comigo: é meu fim!

De repente, na contramão surgiu um carro em alta velocidade atirando rajadas de metralhadora nos atacantes e quando chegou ao meu lado, freou tão violento que derrapou no asfalto molhado. Quando parou, o motorista gritou:

— Entra logo!

O que fiz mergulhando de cabeça no banco traseiro.

Arrancou com o motorista atirando contra os agressores e nos pneus da van.

Pegos de surpresa, os agressores demoraram alguns segundos para reagir e começaram a atirar, o carro já dobrava a esquina.

Eu deitado no banco traseiro, aguardando o desfecho daquela corrida maluca.

— Passe para o banco da frente. — ordenou o motorista!

O que eu fiz com algum sacrifício. Olhei para o motorista que usava luvas e touca ninja.

O motorista estendeu a mão e disse:

— Meu nome é Jhonson! E não temos tempo a perder. Vamos ao seu hotel, pegue suas coisas, porque os homens que te atacaram vão lá no seu hotel. Como atirei nos pneus, é só uma questão de tempo! A propósito, há outra saída do hotel?

Respondi, que pela rua lateral e escada de incêndio.

Quando parou o carro na rua lateral, Jhonson pegou um coldre com uma pistola entregando-me avisando:

— Está municiada.

Como tínhamos vindo pela contramão, chegamos rápido. Entrei no hotel mostrando naturalidade, acenei para o cara da recepção e subi a escada até o segundo andar.

Entreí no quarto, tranquei a porta, a mochila de roupas (já esperava ter que sair às pressas, mas não tanto!). Fui ao banheiro, peguei a valise que estava escondida atrás do vaso sanitário. Saí pela janela, puxei a escada de incêndio descendo na rua lateral, dirigindo-me para o carro com o Jhonson. Por precaução, segurei a pistola na mão disfarçadamente.

Entreí, joguei a mochila e a valise no banco traseiro com o Jhonson arrancando com o carro silenciosamente.

— Jhonson, meu nome é Douglas e não tive tempo para agradecer o que fez!

Jhonson procurou uma rua arborizada perto do meu hotel de maneira que dava para olhar a entrada. Desligou o motor, falando:

— Vamos ver se minha teoria está certa.

A cabo de alguns minutos, dois carros pararam em frente ao hotel descendo vários homens.

— Bingo! — exclamou Jhonson! — Agora vamos trocar de carro.

Entrou em um grande estacionamento de supermercado avisando-me para manter a cabeça baixa por causa das câmeras.

Parou ao lado de uma Grand Cherokee preta, que acionou pela chave. Peguei a mochila e a valise jogando no banco traseiro. O mesmo fez Jhonson com a metralhadora.

Quando saímos do estacionamento, Jhonson tirou a touca ninja, aparecendo um cabelo ruivo tipo escovinha.

Perguntei:

— E aquele carro?

Jhonson rindo, respondeu:

— Peguei emprestado sem o dono saber — fez um gesto de afano. — Aquele carro pertence a um detetive corrupto da homicídio.

E soltando uma gargalhada:

— Ele vai ter muito que explicar. Agora sério: olha Douglas, os detetives Jason e Elias são os investigadores da morte do Matt e não estão querendo prendê-lo, querem entregá-lo ao irmão do Matt, o Dr. Jonas. Por isto, você agora não está morto. Ia entregá-lo vivo!

— Bem Jhonson, agradeço o que você fez por mim. Mas uma pergunta não sai da minha cabeça. O que você estava fazendo lá? E mais, com um carro roubado?

— Já vamos conversar. — parou ao lado de um telefone público, fez uma ligação, pediu para eu descer, tirou as placas da Cherokee que só estava colada em cima da outra, jogando-as no mato.

Quando entramos no carro novamente, Jhonson falou:

— Agora sim! Olha Douglas, com o episódio da morte do Matt, você involuntariamente atrapalhou vários meses de investigação.

— Não entendi. — falei!

— É o seguinte, eu e um colega do serviço interno, “S.I”. Vínhamos investigando a maior operação de lavagem de dinheiro de todos os tempos.

— Ora — argumentei! — Lavagem de dinheiro existe desde que foi inventado e todos lavam. Empresários, políticos, religiões e até governos corruptos!

— Nós sabemos. — respondeu Jhonson. — Mas não por uma organização que vem lavando bilhões de dólares todo ano. E mais Douglas, você sabia que existem países que exporta metais raros, diamantes e até petróleo, sem produzi nada? Só lavagem de dinheiro! Esse grupo criminoso, suspeita-se, é comandado aqui nos Estados Unidos pelo Dr. Jonas. E a nível de mundo, pelo pai dele, Mister Jenkins, que vive em um palácio fortaleza num arquipélago no oceano indico, que é dono de várias minas de diamante em vários países, e como tal, é o maior negociante de pedras preciosas do planeta.

— Há três meses. — continuou Jhonson. — Meu colega na investigação, o Paul, foi encontrar uma mulher que ia dar informações sobre o homem que é o cérebro na organização, é quem comanda as transferências e a lavagem de dinheiro. Insisti que eu deveria ir junto, mas ele argumentou que mais gente poderia afugentar a informante. Só disse que a informação sobre o contador da organização Stefan (apelidado de “o Belo”) valeria a pena.

— Quem é Stefan? — perguntei!

— É o especialista da organização, em lavagem de dinheiro e criou um método denominado “Triangulação”. Consiste em fazer várias transferências entre paraísos fiscais ao mesmo tempo em moedas diferentes. Com isto, fica quase impossível rastrear o dinheiro, que volta limpo para a origem.

— O curioso. — continuou Jhonson. — É que Stefan há alguns anos era um Hacker dos mais inteligentes que existia no mercado. Diz-se que ele acessou uma conta do grupo e quando foi descoberto, oferecido a ele duas opções: trabalhar para o grupo usando suas habilidades, ou servir de comida de tubarões. Pelo visto aceitou a primeira.

— E seu colega, o Paul? — perguntei!

— Acharmos que caiu em uma emboscada e não vai aparecer mais. O modo que a quadrilha usa para desaparecer com as pessoas consiste em esquartejar atirando aos tubarões em alto mar e era este seu destino se te pegasse hoje.

Jhonson fez uma pausa. Então perguntei:

— E agora, como fica minha situação?

— Sinceramente, Douglas? Só vejo duas saídas pra você. Ajudar-nos no que for possível para pegar esses bandidos. Ou ficar por sua conta, o que oferece um perigo para você, uma vez que a polícia e o grupo do Jonas querem te pegar. Sabemos, Douglas, que você foi do exército e sabe se cuidar, mas nas ruas não existem regras, a traição corre solta.

— Espera aí Jhonson, pelo que eu entendi você espera que sirva de isca? Para pegar o Jonas e o pai dele?

— Chamariz. — respondeu Jhonson!

Pensei um pouco e vi que no momento não tinha muitas opções, tudo bem!

— Duas coisas Jhonson, o órgão como é mesmo o nome? Há S.I serviços internos é verdadeiro?

— Na verdade só meu nome é falso, o resto é verdadeiro. O S.I é um departamento do Tesouro Americano que cuida de transações ilícitas como lavagem de dinheiro, falsificação de moedas e outros delitos ligados ao dinheiro.

— Outra coisa, Jhonson. Por que as placas que cobria as do veículo?

Respondeu Jhonson:

— As placas que tirei são de um carro idêntico a esse e pertence a um juiz corrupto que vende sentenças. As vezes Douglas, as armas que você tem que usar não são nada republicanas, até mesmo sujas.

E rindo:

— O detetive e o magistrado terão muito que explicar.

— E este carro se pararem em uma blitz?

— O carro, armas pertencem ao departamento do Tesouro. Portanto, trânsito livre. Está com fome? — perguntou Jhonson.

Confirmei com a cabeça e fomos comer em um restaurante discreto.

No caminho, cruzamos com vários carros de polícia com as sirenes ligadas.

Quando acabamos de comer, Jhonson sugeriu que eu fosse para casa dele, porque hotel no momento, seria muito arriscado. Concordei!

A casa em um bairro residencial com um jardim e uma garagem que Jhonson abriu acionando o controle remoto.

Jhonson apontou um quarto para mim, entrando em outro.

Joguei-me na cama para repassar mentalmente a situação e cheguei à conclusão que não era nada boa e que no momento, o melhor era continuar ajudando o Jhonson.

Tomei um banho, deitei-me, mas demorei dormir.

Dr. Jonas estava muito irritado com os homens a sua frente:

— Como é que vocês falham em uma coisa tão simples?

Um dos homens, de cabeça baixa tentou se explicar:

— Olha, Dr. Jonas. Já íamos pegar o Douglas que estava caído. Quando de nada apareceu um carro pela contra mão em alta velocidade disparando rajadas de metralhadora, pegando-nos de surpresa. E quando tentamos persegui-lo, os pneus da van estavam estourados.

— Isto prova. — voltou Dr. Jonas. — Que quem quer que seja não é nenhum idiota e atirar nos pneus foi exatamente para dar tempo de ir ao hotel do Douglas e desaparecer. E tem mais! Sabe de quem é o carro? Do detetive Jason.

— O mesmo homem. Será que o detetive não mudou de lado, Dr. Jonas?

— Não seja estúpido! Foi ele quem indicou onde estava Douglas. O carro dele foi levado do estacionamento. O que cabe uma interrogação. Por que logo o carro do Jason?

E virando-se para os homens:

— Tentem descobrir isto.

Um pouco menos irritado:

— Amanhã vou levar o corpo do Matt para ser enterrado na ilha. Não sei como papai vai encarar isto.

E continuando:

— Avise ao pessoal, que na volta o “Marroquino” vem comigo para fazer o trabalho que vocês não fizeram.

Os homens estremeceram, pediram licença e se retiraram.

Levantei-me, fui ao banheiro e quando cheguei à sala, não encontrei o Jhonson que entrou com pães e jornais que jogou no sofá rindo.

— Você está famoso, Douglas.

A manchete com letras garrafais: TIROTEIO E MORTE NA CIDADE!

Nas fotos, a van com os pneus e o carro usado pelo Jhonson com a traseira toda furada de balas.

— Que merda é esta, Jason? — perguntou furioso o chefe da polícia com o jornal na mão.

— Como seu carro participou desta merda? Explique!

— Olha chefe, fui visitar uma amiga e quando saí, meu carro não estava lá. Foi furtado.

— E como explicar que a imprensa sabia onde o carro estava?

— Não sei chefe. — respondeu Jason.

— Bom, Jason, a corregedoria ligou-me e quer falar com você, eles entrarão em contato. Agora vá trabalhar.

— Douglas. — disse Jhonson. — Lembra-se do telefonema ontem? Eu liguei para a redação do jornal onde estava o carro que participou da ação. Genial não?

— Depois do café, li a matéria completa que falava da morte de Matt e colocava-me como o fugitivo mais procurado pela polícia. Por sorte, a foto não condizia com minha aparência atual, com o cabelo e barba grande.

— Bem. — disse Jhonson. — Vou sair para resolver uns negócios. Você pode ficar vendo televisão ou lendo. Só peço que evite as janelas.

Disse até logo e saiu.

Jason e Elias no carro patrulha conversavam. Elias disse para Jason:

— Parceiro, a coisa está complicada. O Douglas sumiu e não sabemos quem o está ajudando e parece que não é inexperiente. Viu o que fez?

— Nem me fale, o Solano só faltou esfregar o jornal na minha cara.

— Ponha-se no lugar do chefe, o superior exigindo providências, Dr. Jonas cobrando a promessa de entregar o Douglas.

Após um silêncio, Jason disse ao Elias:

— Vamos espalhar a foto do Douglas aos nossos amigos.

— Boa ideia. — disse Elias. — Mas o cara misterioso que ajudou o Douglas? Temos que descobrir quem é.

Jason estalou os dedos:

— Já sei. Vamos ao supermercado dar uma olhada nas fitas das câmeras de segurança do estacionamento. Quem sabe não descobrimos alguma coisa?

Pouco antes do meio dia, Jhonson retornou com o almoço e um pacote que colocou em um sofá.

Após o almoço, Jhonson abriu o pacote que continha mapas, relatórios e um pen driver que inseriu no computador. Na tela, apareceram gráficos e várias linhas de cores diferentes cruzando o globo terrestre em várias direções.

Jason e Elias chegaram ao supermercado dirigindo-se para a administração onde foram recebidos pelo gerente, senhor Alvarez, que os levaram ao centro de monitorização. O encarregado do setor perguntou:

— O que realmente os detetives queriam?

Jason disse que estavam interessados na entrada e saída do estacionamento, no período de vinte e uma horas, até uma hora da madrugada.

O funcionário apertou alguma tecla aparecendo na tela a entrada onde no período, entraram outros veículos: uma Honda; uma Pick-up Ford, uma Grand Cherokee e um Camaro.

— Este é meu carro. — exclamou Jason!

Em seguida a saída: uma Honda, em seguida a Grand Cherokee.

Jason pediu ao funcionário se dava para aproximar a imagem da Grand Cherokee.

O funcionário disse que ia tentar, mas com a chuva, as imagens não estavam boas.

— Mesmo assim, dava para ver que o motorista usava touca ninja e o passageiro ficou o tempo todo com a cabeça abaixada.

Elias pediu:

— Não dá para dar um close na placa da Cherokee?

Quando o funcionário aproximou, deu para ver nitidamente o número.

— Te peguei. — exclamou eufórico, Jason! Anotando em um bloco.

Agradeceram ao gerente e funcionário. Ao sair do supermercado, ligaram para o chefe Solano informando o número da placa, sorrindo com felicidade.

Jhonson fez algumas anotações, retirou o pen driver e junto com o pacote, guardou em uma gaveta com chave.

— Aí, o Jhonson perguntou pelo meu carro?

Respondi que estava no estacionamento do hotel.

— Esqueça ele. — disse Jhonson. — E se o pessoal do hotel for inteligente, rebocará e abandonará em qualquer lugar para evitar explicações à polícia.

Depois de um tempo em silêncio, perguntei:

— Qual seria o próximo passo na investigação?

Jhonson pensou um pouco e respondeu:

— Acho que vou recomeçar pelo Stefan, que é o elo com o desaparecimento do meu parceiro.

Stefan olhou-se no espelho e gostou do que viu, rosto bronzeado, corpo atlético. Em seguida desceu à garagem, entrou em seu Porsche conversível, abriu a garagem e partiu feliz da vida.

O chefe de polícia ligou para o Jason que estava em patrulha com Elias, mandando retornar imediatamente à delegacia.

Jason comentou com Elias:

— Provavelmente o chefe vai nos elogiar por termos descoberto o carro do cara que furtou meu carro. Vamos lá! — disse sorrindo.

Quando chegaram, deram umas batidinhas na porta e foram entrando. A cara do chefe não estava nada alegre e sim muito aborrecida. Assim que os dois sentaram-se foi logo perguntando:

— Sabem de quem é o veículo, que você Jason, passou o número da placa?

— Do juiz Flanklim. Isto mesmo, do juiz!

Jason e Elias perguntaram ao mesmo tempo:

— Do juiz?

— Sim. — disse o chefe ainda furioso!

Quando liguei para o juiz, assim que descobri que o carro era dele, disse que o carro não saía da garagem desde que chegou do tribunal.

— Que brincadeira era aquela?

— Pedi desculpa. — disse o chefe!

— Mas chefe. É a placa que está na Cherokee e que bate com a entrada do meu carro e a saída.

— E ademais. — falou Elias. — O motorista usava touca ninja.

— Das duas, uma. — disse o chefe. — Não foi por acaso ou nosso homem é mais esperto do que imaginamos.

O jatinho aterrisou na ilha particular de mister Jenkins com o caixão do Matt. Algumas pessoas já esperam, à frente Jenkins e Marroquino.

O caixão foi retirado do avião e levado para a capela para esperar a hora do enterro. Com o semblante carregado, o pai do Matt perguntou ao Jonas se o filho estava sem sua guarda pessoal quando foi morto.

— Não pai, estava com a segurança. O assassino Douglas derrubou a segurança e baleou o Matt.

— E por que o assassino ainda não foi capturado ou morto? — perguntou mister Jenkins.

— Meu pai. — falou Jonas. — Nosso pessoal e a polícia estão revirando toda a região e quando íamos pegá-lo, recebeu ajuda e escapou.

Agora foi a vez de marroquino perguntar a Jonas:

— Sabe se Douglas ainda está na cidade ou já fugiu?

— Ainda na cidade. — respondeu Jonas. — Porque a polícia mais nosso pessoal estão vigiando aeroportos, estações, rodoviárias e barreiras nas rodovias. E até agora nada. Ele ainda está na região.

Voltou Marroquino:

— Seu pai quer que eu vá com você para cuidar da situação e reforçar sua segurança pessoal.

Houve um silêncio, só quebrado pelo senhor Jenkins para ir à capela para o enterro.

— Olha Douglas. — falou Jhonson. — Você leu no jornal que estão procurando por você como se procura agulha em um palheiro. Como você não pode ficar indefinidamente trancado aqui, vou providenciar uma carteira, provisoriamente é claro, para nos movimentarmos. Vamos fazer a coisa andar.

Tirou algumas fotos minhas, foi a um pequeno escritório e voltou com uma carteira na mão. Quando vi, perguntei:

— Por que a carteira do Paul estava ali?

Jhonson respondeu que ele não levou porque se acontecesse alguma coisa, não comprometeria a agência.

Fomos ao escritório, onde de um armário, tirou um aparelho parecendo um notebook. Inseriu o cartão da máquina fotográfica, escaneou a carteira do Paul, retirou a foto colocando a minha no lugar, riu e entregando-me a carteira disse:

— Agora Douglas, você é o agente da S.I, Paul!

Perguntei para o Jhonson:

— A agência sabe que você está fazendo isto?

— Pedi autorização e fui autorizado. — respondeu.

Jhonson falou:

— Vamos dar umas voltas.

— Onde vamos? — perguntei!

— Fazer um reconhecimento da casa do Stefan. No caminho, notei várias blitz na cidade.

No enterro, o clima era tenso. E quando o caixão baixou a sepultura, a expressão no rosto de mister Jenkins parecia talhada em pedra.

Quando todos retiraram-se, Jenkins fez um sinal para Jonas e Marroquino o seguissem.

Instalados no amplo escritório, Jenkins falou que as coisas nos Estados Unidos estava funcionando bem. Mas era necessário resolver a morte do Matt o quanto antes, porque a exposição dos fatos pela mídia não era bom para os negócios.

— Jonas. — falou o pai. — O Marroquino vai com você para comandar o pessoal, na captura ou morte do assassino e também reforçar sua segurança pessoal. Portanto, escute Marroquino e cuide que ele tenha tudo que precise. Outra coisa Jonas, no mês que vem, vou a Nova York à feira mundial de gemas e até lá quero tudo resolvido.

— Pai. — disse Jonas. — Minha segurança pessoal é muito eficaz, o que aconteceu com meu irmão é que ele frequentava lugares públicos, dificultando sua segurança.

Voltou Jenkins:

— Quem você colocou no lugar do Matt para cuidar das casas de jogos?

— O Gim. — respondeu Jonas. — Que já assessorava ele na arrecadação.

— Certo. — disse Jenkis. — Mas fique atento na conferência dos valores. — e virando-se para marroquino: — Vá se preparar meu amigo para partir com Jonas.

Quando entramos no bairro West Balm Beach, o Jhonson falou que o Stefan morava na próxima alameda a direita em um chalé amarelo, para eu observar discretamente.

Na volta perto do aeroporto, uma blitz policial mandou parar e quando Jhonson mostrou a carteira mandou seguir.

Jantamos em um restaurante de Miami Beach e retornamos para casa.

Já em casa, Jhonson perguntou o que tinha acontecido para eu dar baixa do exército.

— Como vocês da S.I devem ter visto, eu era instrutor de defesa na patente de tenente e estava estudando para sair capitão. O coordenador do curso, major Klark, convidou-me para trocar ideia sobre meu trabalho.

— Lá chegando e depois de falar da tropa, o Klark veio com uma proposta indecorosa. Tipo assim: se você for um rapaz sensato, posso ajudá-lo na sua promoção.

— O que eu não imaginava, era que o major era homossexual e quando tentou alisar-me, empurrei-o com força, caiu batendo com a cabeça na mesa ficando desmaiado. Pedi socorro e ele foi levado para o hospital. A vingança dele foi terrível.

— Na denúncia, o Clark colocou que eu fui pedir a ele para facilitar no curso para capitão, como se negou, o agredi.

— O coronel que conduziu o IPM, sabia da tendência do Clark para o homossexualismo e aceitou a defesa do meu advogado como legítima defesa e fui inocentado. Mas o major transformou minha vida em um verdadeiro inferno.

— Quando meu antigo instrutor, o Donaldson, que era do FBI, perguntou se eu não queria ser segurança, a grana era boa, status, liberdade... topei!

— Pedi baixa e fui contratado pelo Club Vencedores. O resto da história você já conhece.

— Sabe Douglas, que tal fazermos uma visita ao seu amigo Donaldson? A propósito, cadê seu celular?

— Guardado. — respondi. — Achei prudente não usá-lo, vou copiar a agenda e destruí-lo.

— Vou avisar o Donaldson da nossa visita de um telefonema público, porque não é salutar visitá-lo sem avisá-lo.

— Por quê? — perguntou Jhonson!

— Você vai descobrir. — respondi sorrindo.

O chefe da polícia, Solano, baixou uma circular interna para todos dar especial atenção a uma Cherokee preta, principalmente com dois homens.

O jatinho levantou voo da ilha rumo aos Estados Unidos levando a bordo o temível Marroquino.

Fomos almoçar e depois, dar mais uma olhada na casa do Stefan, quando nos aproximamos do carro. Um casal com roupas de praticante de cooper, ela com as mãos na lataria e ele abaixado perto da roda traseira.

Jhonson apontou para eu ir por um lado e ele por outro.

Quando chegamos perto, vimos que o rapaz estava só amarrando o cadarço do tênis da jovem, quando acabou de amarrar, saíram correndo.

Mesmo assim, Jhonson ficou com ar preocupado.

Stefan saiu do prédio onde o grupo financeiro tem escritório, no bairro Brickel carregando uma pasta preta, embarcou em um carro parado, partindo velozmente.

Em casa à noite, Jhonson continuava com ar preocupado.

— O que é, Jhonson?

Um pouco pensativo, respondeu:

— Não sei Douglas, talvez seja sexto sentido, mas vamos ficar atentos.

— Outra coisa Douglas, a casa que dá fundos para esta e frente para a outra rua, também foi alugada por nós, e qualquer coisa, é só pular o muro saindo na outra rua.

— Agora Douglas, vamos prestar atenção a movimentos suspeitos, e amanhã vamos visitar seu amigo Donaldson.

Mal o jatinho pousou, trazendo além do Jonas e Marroquino e alguns “Consultores” vários carros blindados já aguardavam levando o grupo para Miami Beach.

O detetive Jason foi convocado pela corregedoria para explicar como seu carro participou da ação envolvendo exatamente o suspeito que estava investigando.

Desconfortável, Jason respondeu que seu carro tinha sido furtado e todas as informações sobre o caso, estava no relatório entregue ao chefe Solano.

— Sabemos. — disse o corregedor. — Mas você não acha muito estranho com tantos carros em Miami o seu foi o escolhido?

— Nós estamos investigando isto também. — respondeu Jason.

— Por enquanto é só. — disse o corregedor. — Qualquer fato novo entramos em contato.

— Está dispensado policial Jason!

Jason saiu da corregedoria muito preocupado com o rumo que assunto estava tomando.

Dei boa noite e subi para meu quarto, meia hora depois, Jhonson deu umas batidinhas na porta e quando abri, ele pediu silêncio e fez sinal para segui-lo até seu quarto que estava no escuro.

Com um binóculo de visão noturna, mandou que eu olhasse para a esquina onde um furgão estava estacionado.

Sussurrando disse:

— Só descobri por que alguém saiu para urinar.

Jhonson falou baixinho que ia dar uma olhada, vestiu uma roupa preta colocou um gorro e disse que ia sair pela casa da outra rua.

Continuei olhando até ver o vulto do Jhonson esgueirando perto do furgão. Retornou fazendo sinal para acompanhá-lo. Já na sala, disse que havia dois homens no furgão e que já estava na hora de sair daquela casa.

Na manhã seguinte, após o café, Jhonson disse que tinha um plano.

Iria colocar nossas coisas no carro, sairia normalmente, eu ficaria ostensivamente, uma hora depois eu sairia pela outra casa, tomaria um táxi, nos encontraríamos em frente ao Shopping.

— E aí Douglas, concorda com o plano?

— Sim. — respondi! — E as duas casas como ficam?

— São alugadas mobilhadas e o aluguel foi pago por seis meses, termina daqui a quarenta dias.

— Ótimo Douglas. São nove horas, às dez você sai pelos fundos.

Colocamos nossas coisas no carro, Jhonson abriu a garagem, não sem antes pedi pra eu ligar a tv, aparecer na janela para dar um ar de normalidade.

— Mas tenha sempre a pistola na mão.

Stefan chegou à mansão do Dr. Jonas e foi recebido no escritório onde estava também Marroquino.

Depois dos cumprimentos, Jonas avisou que o pai virá para a feira de Nova York.

— E você Stefan, prepare um relatório pormenorizado para ele. — e perguntou:

— Como estão as operações?

— Ótima, Dr. Jonas.

— Está bem Stefan, pode ir.

Dez horas, olhei a rua por trás das cortinas quando o furgão passou duas vezes em frente. Desliguei tudo, saí pelos fundos pulando o muro, saí na outra rua embarcando em um táxi.

O detetive Elias perguntou ao Jason:

— Como tinha sido com pessoal da corregedoria?

— Complicado! — respondeu Jason. — Olha Elias, temos que descobrir quem está ajudando o Douglas e encontrá-los.

Quando saltei do táxi, o Jhonson já estava esperando, disse que ia ligar para o Donaldson e quando retornei perguntou se estava tudo certo. Respondi que sim:

- Então vamos. — disse Jhonson.
- A proposito Douglas, onde mora o Donaldson?
- Em Lake Okee Chobee. — respondi!

Jhonson perguntou se a minha saída da casa tinha sido tranquila.

— Sim. — respondi. Quando falei das passagens do furgão em frente da casa, Jhonson falou:

— Olha Douglas, neste ramo de atividade temos que ficar atentos a tudo, mesmo coisas insignificantes.

— Douglas, o Donaldson não ficou curioso quando você disse que ia visitá-lo?

— Sim, perguntou em que eu tinha me metido para todo mundo estar procurando-me, disse que contaria quando chegasse. Também falei que estava com alguém do governo e ele perguntou que órgão. Disse S.I., departamento do tesouro.

— Está bem, qual o carro que vocês estão?

— Uma Cherokee preta. Então, pé na estrada, disse Jhonson.

Quando entramos na rodovia, Jhonson falou que se houvesse blitz, ele mostraria a carteira deixando o coldre com a pistola a mostra. Algum tempo depois quando a rodovia cortava uma região com floresta de ambos os lados. Pedi ao Jhonson que fosse devagar por que a entrada para a casa de Donaldson era quase escondida.

Mais à frente, uma blitz mandou parar, mostramos as carteiras o patrulheiro mandou seguir, quando passamos, falou alguma coisa pelo rádio da viatura.

Após alguns quilômetros, avistei a estradinha à esquerda. Mas antes de entrar, Jhonson, continuou dirigindo por mais dois quilômetros, quando então retornou. Nesse ínterim, não cruzamos com nenhum carro.

Mal entramos na estradinha, Jhonson reclamou do péssimo estado, cheia de buracos.

— É longe? — perguntou!

– Cerca de dez quilômetros.

– O quê? Tudo isto?

– E com três câmeras no percurso, Donaldson já sabe da nossa presença. – disse.

– Eu acho paranoia.

– Paranoia não, Douglas, sobrevivência!

Após quinze minutos de solavancos, chegamos a uma pequena clareira com a casa do Donaldson ao fundo, já nos esperando.

Depois de apresentar o Jhonson, fomos convidados a entrar. Tomando um café, narrei ao Donaldson tudo o que aconteceu, sem omitir nada.

Donaldson perguntou:

– Por que o S.I estava no caso?

Jhonson explicou que havia indícios que a organização dos Jenkins era a maior em contrabando de pedras preciosas, lavagem de dinheiro entre outras coisas no mundo.

Donaldson ouviu tudo em silêncio. Só depois falou que chefiava no FBI, um grupo para levantar o contrabando de diamantes e que chegou perto de Mister Jenkins. Mas não deu em nada por má vontade de vários países que não colaboraram, uma vez que mais minas estavam em países que negociava com Jenkins.

Além do mais, o esperto Sr. Jenkins criou uma “ONG” Internacional denominado “Amor à humanidade” praticando a filantropia. Por exemplo: determinado país interessa ao grupo, constrói um hospital equipado para o governo, se por mudança de governo ou outro fator os interesses do grupo são contrariados, abandona tudo.

– Mas Donaldson. – perguntou Jhonson. – O FBI descobriu indícios sólidos da participação do grupo do Jenkins no contrabando?

– Sim. – respondeu Donaldson. – Em um país que estava sofrendo horrores de uma guerra, foi constatado que uma fortuna em diamantes foram trocados por armas e o mais estranho: para os dois lados.

– Esperto. – comentou Jhonson!

— Donaldson. — perguntei. — Por que o grupo do Jenkins prefere contrabandar diamantes?

— É simples. — respondeu. — Um milhão de dólares em armas dá um grande volume, drogas é fácil de detectar e gera muitos problemas. Já diamante, um pequeno volume de diamante de bom quilates cabem em uma maleta tipo 007.

— Engraçado, pessoas como Jenkins têm ambição de querer sempre mais, nada chega. — comentou Jhonson!

— Ambição desmedida. — falou Donaldson. — Homens como o Jenkins almeja três coisas: Riqueza (fortuna), poder e prestígio.

E continuou:

— Uns têm riqueza mas não tem poder nem prestígio, é o caso de certos magnatas. Outros têm poder mas não têm riqueza, nem prestígio, é o caso de um general, por exemplo. Outros têm prestígio mas não têm poder nem riqueza, é o caso de artistas, atletas e outras poucas pessoas na terra que conseguiram os três juntos.

— E o Jenkins conseguiu os três? — perguntei!

— Parcialmente. — respondeu Donaldson. — Ele tem riqueza e poder, quanto a prestígio, é relativo ao círculo em que vive.

— Na verdade, por trás de uma grande fortuna como a do Jenkins, sempre haverá um crime. Seja de sonegação, evasão fiscal, corrupção entre outros. — comentou Donaldson.

Na mansão do Dr. Jonas, Marroquino estava reunido com vários homens.

— É o seguinte, plantamos um sinalizador no carro do Douglas e neste momento, eles estão em Lak Okee Chobee na casa de um ex-agente do FBI, portanto vão lá e façam uma limpeza, ou seja, liquide todos, levem bazuca, se houver muita resistência arrasem tudo. O Dr. Jonas quer tudo resolvido hoje.

— Bem. — perguntou Donaldson. — Vamos pescar nosso jantar? — concordamos.

Eu e o Jhonson fomos no carro pegar as malas de roupas, enquanto Donaldson preparava os apetrechos para a pescaria. Quando íamos saindo, um alarme sonoro veio do quarto do Donaldson que se precipitou chamando-nos. Chegamos, vimos em uma pequena tela três carros entrando na estradinha que dava acesso a casa.

– Tens companhia, vocês foram seguidos?

– Não, mas no mesmo tempo. — exclamei! — O casal do tênis!

Em seguida corremos para nosso carro que estava estacionado na frente da casa, o Jhonson passou a mão embaixo da lataria perto da roda traseira e exclamou:

– Achei!

Preso com um imã, um sinalizador, ia quebrá-lo. Quando Donaldson disse:

– Não! Jogue-o na garagem!

– Olha não temos tempo, no máximo quinze minutos porque os carros são baixos e devem estar pesados.

– Douglas pegue suas coisas e coloque no carro de vocês, Jhonson ajude-me aqui!

Donaldson pegou uma bolsa com roupas, um notebook, abriu a garagem, tirou seu carro uma pick-up ranger cabine dupla vermelha, afastou uns arbustos aparecendo uma passagem no meio da vegetação, mandou Jhonson segui-lo com o carro, parando quinhentos metros diante dentro da mata. Ele e o Jhonson voltaram correndo e quando chegaram de volta à casa, Donaldson colocou uma tábua grossa cheia de pregos pontiagudos atravessada na passagem de arbustos justificando:

– Para o caso de sermos seguidos.

Donaldson entrou na casa seguido do Jhonson, dirigiu-se a um baú, pegou uma bazuca deu ao Jhonson, pegou um fuzil ar-15 e entregou-me.

Na tela do meio, os carros passavam lentamente na estrada esburacada.

– Bem Jhonson, quando os carros saírem na clareira, atire no último. Você Douglas, começa atirar na direção deles.

Em seguida foi ao quarto voltando com uma capanga de lona de onde tirou uma pistola que colocou nas costas. Pegou uns tabletes de c4 com uma anteninha e foi distribuindo pela casa.

– Pronto, um presente especial para nossos amigos!

Olhando na telinha, Donaldson falou:

— Estão a duzentos metros da clareira. Preparem-se!

A situação era tensa, por trás das cortinas ouvimos o ronco dos motores. Como o sinalizador estava na garagem, os atacantes achavam que nosso carro estava na garagem,

Lentamente, surgiu o primeiro carro na clareira.

Quando o terceiro carro saiu da estradinha, Jhonson mirou com a bazuca e abriu fogo, eu comecei a atirar com o fuzil.

O petardo da bazuca atingiu o carro em cheio, subiu uns dois metros e caiu envolta em chamas.

Os atacantes dos outros carros saltaram e revidaram com tiros de fuzil e metralhadoras.

Donaldson com a capanga atira-colo, fez um sinal para acompanhá-lo, chegando ao bandeiro. Lá chegando, moveu uma pequena alavanca, um click e a banheira correu lateralmente aparecendo uma escadinha, que Donaldson mandou descer.

Antes de descer, Donaldson quebrou o registro do gás com a culatra do rifle, descendo também a escadinha.

Sáímos atrás da casa do meio da mata, correndo para os carros, quando chegamos, Donaldson tirou da capanga um acionador uma anteninha exclamando:

— Vamos dar as boas-vindas aos nossos visitantes.

Ao acionar uma alavanca, uma explosão seguida de altas chamas surgiu onde estava a casa.

Entramos nos carros e depois de alguns quilômetros saímos em uma rodovia.

O que parecia ser o chefe dos atacantes, mandou por gestos cercar a casa sem deixar de atirar. Tarefa que os homens faziam com raiva para vingar as mortes com a explosão do carro.

O líder do grupo pegou a bazuca e quando ia atirar, a casa explodiu matando mais três atacantes que se aproximavam pelos fundos.

Antes de Miami, paramos em um restaurante para jantar, Donaldson, que não negava que estava aborrecido e pouco falou.

Quando acabamos de jantar, um pouco mais calmo, Donaldson sugeriu que devíamos nos hospedar em hotéis diferentes e no dia seguinte, nos encontraria para traçar qual rumo seguir. Em seguida anotou o número do celular do Jhonson e partiu.

Eu e Jhonson ficamos no restaurante um bom tempo.

Depois paguei a despesa e saímos para procurar um hotel. Nos hospedando em quartos separados por medida de segurança, o que não foi problema com a carteira do Paul.

Depois de um banho reconfortante, liguei a televisão e já havia as primeiras notícias sobre a explosão da casa, dando conta de vários mortos. Desliguei.

Antes de dormir, fiquei pensando e achando que eu tinha sido o responsável por ter metido o Donaldson nesta enrascada, com a perda da sua casa e os problemas que aconteceria pela frente.

Na mansão do Dr. Jonas, Marroquino só faltava espumar de tanto ódio.

Aproximou-se dos cinco homens de cabeças baixa e sibilou:

— O que aconteceu? Por que perdemos sete homens? Alguém pode me explicar este fracasso?

— Senhor. — respondeu trêmulo o chefe do grupo. — Nós fizemos tudo certo, só não esperávamos que já estivessem nos esperando.

— Esse fracasso. — continuou Marroquino. — Vai nos trazer enormes problemas. Por que não saíram de lá imediatamente?

— A saída foi bloqueada pelo carro explodido e explosão da casa. Só nos restou abandonar os carros e fugir pela mata quando ouvimos as sirenes.

— Ó diabo. — disse Marroquino. É que a merda vai ligar o fato a nós, só uma questão de tempo. Vão, fique na casa de apoio e não saiam de lá. — mandou Marroquino.

Os homens retiram-se aliviados.

Dez horas da manhã, Donaldson ligou para Jhonson que tinha marcado almoço no restaurante casa branca com o chefe do FBI na região, agente Strong.

Por motivo de segurança, eu e o Jhonson fomos para o restaurante de taxi deixando o carro na garagem do hotel.

Quando chegamos, Donaldson e Strong já nos esperavam.

Depois das apresentações e enquanto esperava o almoço, colocamos Strong a par da situação.

Após o almoço e como estávamos em uma ala reservada do restaurante, Strong (em tom de brincadeira!):

— Vocês sabem promover um show.

Eu disse que o mérito era do Donaldson.

— Vocês sabiam que Donaldson foi chefe do esquadrão de demolição no FBI?

Strong, agora sério:

— Jhonson, tínhamos algumas informações do trabalho que o S.I estava fazendo, mas como a linha de investigação era distinta, não queríamos interferir. Agora a coisa mudou. Vamos trabalhar juntos.

E continuando:

— Estou indo amanhã para a central levar aos superiores como estão as coisas por aqui, o que decidir lá, vocês saberão.

Dr. Jonas bastante aborrecido com os acontecimentos estava conversando com Marroquino:

— Recebi uma ligação do chefe Solano que quer falar comigo hoje à noite. Vamos aguardar o que ele tem para falar.

— Olha Jonas. — falou Marroquino. — Se Solano tocar no assunto da explosão da casa, diga que segundo as notícias, a explosão foi provocada por c-4 de dentro pra fora. Como a casa fica perto do lago Lake Okeechobee, pode ser briga de traficantes que agem na região.

— É, pode ser. — comentou Jonas!

Quando Strong retirou-se, ficamos um tempo tomando um drink.

Donaldson perguntou ao Jhonson:

– Qual seria o passo a seguir?

Jhonson pensou um pouco e comentou:

– A chave agora é o Stefan. O que vocês sugerem?

Sugeri que o certo era ter uma conversa com ele para esclarecer alguma coisa.

– E você, Donaldson?

Riu e disse que estava doido para botar as mãos em alguém da quadrilha responsável pela sua casa, seus bens e suas coleções de cds raros.

– Então, Jhonson, vamos planejar como pegar o Stefan, seus hábitos, onde vai, a que horas etc.

Continuou:

– Como o Stefan é vaidoso e só sai em seus carrões conversíveis, uma estratégia seria quando parar em um sinal de trânsito, alguém se sentaria ao lado dele apontando uma pistola nas suas costela e levando ele para um interrogatório.

– Existe uma fábrica abandonada na saída da cidade que serve ao propósito. – disse Donaldson.

– Seria conveniente quando ele sair do escritório com muito trânsito. – comentou Jhonson.

– Ótimo. – comentou Donaldson. – O quanto antes, de preferência antes do Strong voltar. Não podemos colocar o FBI em uma operação ilegal.

– Qual é a hora que Stefan sai do escritório? – perguntei!

– Entre onze e meia e meio dia, saindo pela garagem do prédio.

– Que tal arriscar amanhã? – perguntou Donaldson!

– Vamos ver. – respondeu Jhonson.

Stefan alheio aos acontecimentos, estava preparando o relatório mandado por Dr. Jonas para ser entregue ao pai quando chegasse para feira. O que não era difícil, pois todos os dados das aplicações estavam organizadas em seu computador pessoal.

As nove horas da manhã, o interfone do meu quarto tocou, era o Jhonson avisando que o Donaldson estava chegando e que estava esperando-me no saguão.

Donaldson demorou um bom tempo e quando chegou, pediu desculpas pela demora.

— É que fui comprar uma coisa. — falou enigmático!

Embarcamos na pick-up do Donaldson e fomos tentar o sequestro do Stefan no bairro no Brickel.

Como a rua do escritório era mão única, paramos mais a frente e ficamos de campana.

Onze horas e trinta minutos, começou sair carros do estacionamento.

Onze horas e quarenta e cinco minutos. Stefan saiu pilotando uma Ferrari vermelha conversível, imediatamente, Donaldson entrou no fluxo de veículos que era intenso naquela hora, posicionando logo atrás do carro do Stefan.

Quando parou em um sinal de trânsito, saí pela porta contrária da pick-up, fui andando até chegar no carro do Stefan.

Com rapidez entrei no carro, coloquei o braço no ombro do Stefan como velhos amigos. Ao mesmo tempo que pressionava a pistola na região peniana e antes que ele falasse qualquer coisa, disse alto:

— Olá Stefan, como vai amigão? — forçando a pistola nos grãos dele.

Quando a fila andou, falei entredentes:

— Siga.

Com o carro em movimento e já refeito da surpresa, Stefan disse:

— Você não sabe onde e com quem estão se metendo cara!

— Olha Stefan, uma Pick-up vermelha vai ultrapassar, siga ela e não se meta a engraçadinho e tudo sairá bem!

— Quem são vocês. — perguntou!

— Dirija. — respondi seco!

Atento aos movimentos das mãos do Stefan, vi quando dirigiu discretamente a mão ao botão do pisca-alarme.

Forcei a pistola e avisei:

— Não faça isto!

Seguindo o carro do Donaldson, entramos em uma área com muitos galpões abandonados, entramos em um, passamos vários outros até chegar a uma espécie de depósito.

Quando paramos, fiz um gesto com a pistola para Stefan descer no exato momento que saltavam Donaldson e Jhonson. Então apresentei os dois:

— Quero que conheça meus amigos “Tico” e “Teco”. — os dois caíram na gargalhada.

Stefan, cheio de arrogância disse:

— E você é o pateta?

E apontando para mim, falou com Donaldson e Jhonson:

— Conforme falei com o engraçadinho aqui, vocês não sabem onde e nem com quem estão se metendo.

Donaldson quase encostando o nariz no rosto de Stefan:

— Escuta “Belo Antônio”, baixa sua bola que sua situação não é nada boa.

Falando para Jhonson:

— Vamos amarrá-lo naquela estrutura.

Eu fui a Pick-up, peguei uma corda amarrando Stefan, que esperneou um pouco depois ficou quieto.

Donaldson foi no carro dele e voltou com um binóculo e um rifle com mira telescópica e colocando nas minhas mãos. Pediu que eu subisse para o andar de cima para vigiar o perímetro contra qualquer movimento suspeito e completou:

— Principalmente um casal praticando cooper.

— Engraçadinho. — rosnei!

Jhonson foi ao carro do Stefan voltando com uma pasta de notebook entregando a ele.

— Pegue o computador e vamos começar.

— E se eu não pegar vai atirar em mim? — disse Stefan petulante.

— Claro que não. — falou Donaldson, no seu saco e apontou a pistola.

Com má vontade, Stefan tirou o computador da pasta e perguntou:

— Pronto, o que vai ser? — perguntou com arrogância!

— Bem agora é com o Teco. — disse Donaldson, retirando-se para onde estava os carros.

Jhonson explicou que queria saber como funcionava o sistema de lavagem de dinheiro criado por ele denominado “Triangulação”.

— Não sei do que você está falando. — disse rindo Stefan!

Donaldson, que voltava dos carros com um charuto na mão que tinha pego no carro do Stefan. Exclamou:

— Charuto cubano cohiba, há muito tempo não fumo um desses. Quanto custa?

— Cinquenta e dois dólares. — respondeu Stefan.

Donaldson perguntou ao Jhonson:

— Ele está colaborando?

Quem respondeu foi Stefan:

— Não estou e nem vou colaborar.

Donaldson em tom duro:

— Olha “Teco”, esse almofadinha já encheu meu saco, volto já.

Voltou com aquele aparelhinho que corta ponta de charuto e um pacotinho nas mãos.

Falou para o Jhonson:

— Vamos abaixar a calça e a cueca dele.

Quando foi abaixada, ficou a mostra os órgãos sexuais do Stefan. Donaldson introduziu o pênis no cortador de charuto e explicou:

— Vou cortar a cabeça e em seguida aplico coagulante para você não morrer antes de chegar ao hospital. Uma coisa tenho certeza, você nunca mais vai transar com mulher na sua vida.

Stefan soltou um berro e perguntou ao Jhonson:

— Este cara é louco?

— Às vezes. — respondeu rindo!

A cara do Donaldson estava tão amarrada que Stefan gritou:

— Calma aí maluco! — pediu ao Jhonson:

— Tira este psicopata daqui!

— Calma. — pediu Jhonson.

Donaldson retirou o cortador do pênis mas avisou:

— Se ficar de gracinha, volto e corto esta merda sem apelação, retirando-se.

Daí em diante, Stefan foi só colaboração. E quando acabou de copiar tudo em um pen driver Jhonson gritou e o Donaldson retornou. O Stefan, ainda com as calças arriada olhou para ele com pavor.

Donaldson bem manso falou:

— Olha rapaz, seus amigos deram-me um grande prejuízo. Portanto, quero que você use suas habilidades e transfira para esta conta. — entregou um papel. — Em um paraíso fiscal quinhentos mil dólares, usando a tal triangulação e não diga que não pode.

Stefan, lívido de pavor, mexeu alguns minutos e disse:

— Pronto.

Jhonson falou depois de soltar Stefan:

— Está livre, nunca vimos você e nunca viu a gente. Só uma coisa, alguém do seu grupo armou para meu parceiro, sabe quem foi?

— Não. — respondeu Stefan. — Sou um homem de escritório, não gosto de violência, esta parte fica com o pessoal da casa de apoio.

Donaldson assoviou e eu desci. Quando cheguei perto, o Stefan olhou fixamente para mim e perguntou:

— Você não. E o Douglas que matou o boçal do Matt?

— Não o matei, o idiota apertou o gatilho quando segurei o cano da pistola.

— Não te reconheci até agora por causa da barba e cabelo. Uma coisa é certa: tem muita gente querendo te matar e outras querendo te dar medalhas.

Jhonson apontou à saída e após a partida do Stefan, Jhonson caiu na gargalhada, como ninguém entendeu o motivo. Perguntou Donaldson:

— Você ia mesmo cortar a cabeça da rola do cara?

Donaldson, rindo também:

— Claro que não, é que indivíduos como o Stefan, dão mais valor a virilidade do que a própria vida. A propósito, tenho uma surpresa para vocês, quando fui procurar alguma coisa no carro do Stefan, encontrei uma agenda com vários nomes, tirei fotos das páginas. Estão no meu celular, agora vamos sair daqui.

O que fizemos por outra rodovia para retornar à cidade.

O carro particular do chefe de polícia entrou pelo amplo portão da mansão do Dr. Jonas. Parando em frente, sendo conduzido ao salão principal onde já aguardavam Dr. Jonas e Marroquino.

O visitante cumprimentou o anfitrião e dirigindo-se a Marroquino:

— Olá Marroquino, é bom vê-lo novamente.

— O mesmo, chefe Solano!

Jonas ofereceu bebidas que foi servida por um garçom.

Assim que o garçom retirou-se, fechando a porta do salão, Solano tirou um papel do bolso do paletó, entregando ao Jonas.

— Olha. — disse Solano. — Aí está um relatório parcial do que aconteceu lá no lago. A princípio pensei que a operação fracassou por causa de um informante, mas vi que não. Havia três câmeras ao longo do trajeto e quem estava na casa sabia assim que o pessoal entraram na estradinha esburacada de propósito.

— Outra coisa, descobrimos que o dono da casa é um ex-agente do FBI de nome Donaldson, que entre outras coisas, é especialista em explosivos.

— Solano. — perguntou Marroquino. — Não dava para saber antes o que você está contando agora?

— Não Marroquino, primeiro não sabíamos onde Douglas e Jhonson estava indo. Segundo, o estado da entrada e câmeras. E foi por isto que a missão fracassou. O pior, com a chacina, o FBI entrou no caso.

Jonas, até então calado, perguntou:

— Quando fica pronto o relatório final?

— De quarenta a cinquenta dias. — respondeu Solano!

— Olha Jonas. — disse Solano. — É melhor tirar de circulação os cinco que participaram da ação no lago para evitar maiores problemas.

Marroquino disse que já estava providenciando, ia manda-los para fora do país.

— Solano. — perguntou Jonas. — Esse agente do FBI que entrou no caso, como é ele? Maleável?

— Penso que não. — respondeu Solano. — O Strong é um sujeito duro e obstinado.

— E esse Donaldson? Que tipo de pessoa é? — perguntou Jonas!

— Um osso duro de roer. — respondeu Solano. — Comandou uma equipe especialista em contrabando. Hoje está aposentado e só para constar: foi o chefe do Strong.

Solano levantou-se, despediu-se avisando que qualquer novidade avisaria, saindo em seguida. Assim que Solano saiu, Jonas comentou com Marroquino:

— Não estou gostando do rumo que as coisas estão tomando, não capturamos o Douglas, a incursão ao lago criou um problemão. Sabe amigo Marroquino, precisamos repensar todos esses acontecimentos negativos. Alguma coisa não está batendo. A propósito amigo, meu pai quer que você retorne para cuidar da segurança da viagem para a freira de Nova York. Como você sabe, a “Freira” vem com muitos quilates e todo cuidado é pouco.

— Mister Jenkis vem de avião ou iate? — perguntou Marroquino!

— De iate. Ele vai passar em alguns países para recolher gemas e talvez algum mandatário desses países.

— Surgiu outro problema, Marroquino. Foi detectado um desvio de dinheiro pelo Stefan. Sabíamos pelo controle central na ilha, de desvio de pequenas somas embutidas nas transações, mas agora foi desviado quinhentos mil dólares de uma só vez.

— Olha Jonas, o Stefan é o homem que cuida dos seus negócios aqui, é seu contador. Portanto, todo cuidado é pouco, principalmente agora com o FBI bisbilhotando. O que sugere então meu amigo?

— Um sequestro em plena luz do dia.

— Como assim, Marroquino?

— O Stefan é muito conhecido nos meios financeiros e seu desaparecimento vai ser notado e teremos que dar muitas explicações.

— Então? — voltou Jonas!

— Simularemos um assalto, sequestramos ele na rua no meio do trânsito, as câmeras registrarão. E você Jonas, reclamará da segurança falando que o cidadão é blá blá...

— Está bem. — disse Jonas. — Cuide disso, mas escolha gente da nossa inteira confiança e de preferência de fora.

Strong, que acabou de chegar, ligou para o Donaldson marcando encontro conosco o mais urgente possível.

Quando chegamos para à reunião, Strong contou que levou um relatório da situação, recebendo carta branca para agir, falou também que estava acompanhando o inquérito na polícia sobre a chacina no lago.

O detetive Jason, estava preocupado com sua situação, porque a corregedoria pedira e a justiça acatou, a quebra do seu sigilo telefônico, bancário e fiscal, como o que ganhava não condizia com seu patrimônio e algumas ligações comprometedoras, poderia complicar sua vida.

O Donaldson ligou dizendo que o Strong queria nos ver imediatamente.

Quando chegamos, notei a cara do Strong bastante fechada. Desde que o conheci, nunca tinha o visto tão agitado.

— Olha pessoal, as coisas estão se precipitando muito rapidamente. É o seguinte: vão sequestrar o Stefan amanhã quando sair do escritório. Não me pergunte como soube, só sei que temos que impedir, o Stefan é um arquivo vivo dos negócios do grupo, é mentor da lavagem de dinheiro.

— E por que quando sair do escritório? — perguntei!

— Muitas testemunhas e um álibi. — respondeu Donaldson.

— É confiável essa informação? — tornei a perguntar!

— Cem por cento. — respondeu Strong.

Jhonson perguntou:

— Strong, você já tem um plano?

— Sim, e quero discuti-lo com vocês! O diabo é que nesse horário o movimento em Brickel é grande. O plano é o seguinte: vou distribuir alguns agentes nas imediações, um caminhão baú com uma rampa ficará estacionado em uma viela próxima. Quando os sequestradores tentarem pegar o Stefan, meu pessoal atacará o grupo raptor. Na confusão, um agente entrará no carro do Stefan levando-o para o caminhão. Outros agentes, impedirão que o grupo dos sequestradores persiga o carro do Stefan.

— Que acharam? — perguntou Strong.

— Teoricamente bom. — disse Donaldson. — Só se prepare para a reação violenta dos atacantes.

— E nós? — perguntei!

— Vocês não participarão diretamente da ação, uma vez que será o FBI o responsável.

— Strong. — perguntou Donaldson! Você não acha temerária uma ação como essa em plena luz do dia? Com milhares de pessoas nas ruas?

— Por que o Jonas não chama o Stefan a sua mansão e some com ele? — perguntou Jhonson!

— Deixaria rastros. — respondeu Strong! — Último lugar onde foi visto etc...

— Essa armação para sumir com Stefan mostra que o grupo já não confia nele. — falei!

— Então nós não faremos nada? — perguntou Jhonson!

— Claro que sim. — respondeu Strong! — Cada um de vocês ficarão posicionados em provável rota de fuga para o caso de algo sair errado. Aí sim, quem estiver na área agirá para interceptar o Stefan.

— Agora vamos analisar o mapa da área de ação. O mesmo já sendo mostrado aos outros agentes.

Logo depois das dez horas, Strong posicionou agentes disfarçados nos sinais de trânsito, nas imediações da garagem do prédio de onde provavelmente sairia o Stefan. Outro grupo ficaria monitorando com binóculos, prováveis suspeitos e principalmente insuspeitos, pedintes, pessoas em cadeiras de rodas, mulheres com carrinhos de bebê entre outros.

Eu, Jhonson e o Donaldson, nos distribuímos em provável rota de fuga dos sequestradores.

Enquanto acontecia toda essa agitação em torno da ação, Marroquino voava para a ilha para coordenar a segurança da viagem de Mister Jenkis a Nova York.

Strong, da sala de controle, recebia informe a todo instante, como por exemplo: “tem um carro enguiçado com o capô levantado saindo fumaça”.

Agente “seis”, aproxime-se e fique de olho!

Assim o tempo foi passando, a hora “H” chegando.

De repente, o agente oito deu o alarme:

— Pássaro saindo em um Porsche vermelho conversível.

— Atenção todos! fiquem o mais perto possível, mais sem chamar atenção. — bradou Strong!

— Equipe três que está no taxi, entre no fluxo de veículos e se posicione atrás do carro do pássaro, qualquer surpresa, vocês agirão.

— Pássaro passando lentamente pelo primeiro sinal. — relatou o agente seis.

— Atenção todos! Pássaro aproximando-se do cruzamento mais movimentado, como após esse cruzamento o trânsito flui melhor, o que tiver que acontecer ou seja: uma abordagem será neste local.

Stefan, ouvindo música, parou no sinal alheio ao que se passava ao seu redor.

Uma mulher passando-se por idosa, com peruca e roupas, sentou-se ao lado de Stefan. Quando ele ia protestar, a mulher encostou uma pistola nas suas costelas falando duro:

— Com os cumprimentos do Dr. Jonas.

— Contato!!! — falaram vários agentes ao mesmo tempo.

Strong berrou no microfone:

— Abordem rápido!!

Um agente disfarçado de entregador de pizza, quando chegou ao lado da sequestradora, levantou a mão dela armada com a pistola ao mesmo tempo que dava-lhe uma gravata puxando-a do carro. Caindo os dois no asfalto. Ao caírem, a mulher atirou a queima-roupa no agente tendo a bala atravessado o antebraço do agente.

Outro agente que saíra do taxi, atirou na mulher e pulou para o banco do carro do Stefan na hora que o trânsito começava a andar. Gerou uma confusão com os motoristas tentando fugir do tiroteio.

Como tudo se passava muito rápido, Stefan ficara paralisado pelo torpor, saindo com o grito do agente:

— Dirija!

Um tiroteio irrompeu quando os agentes que estavam no táxi foram socorrer o colega ferido e os sequestradores resgatar a mulher.

O agente mandou Stefan, dobrar à direita e logo em seguida à direita novamente entrando em uma rua estreita, uma viela, enquanto falava:

— Atenção! Pássaro aproximando-se da Arca de Noé. Repito: pássaro aproximando-se da Arca de Noé, preparar rampa.

Pegos de surpresa e na confusão do trânsito caótico, os sequestradores não conseguiram perseguir o carro do Stefan.

Assim que entraram na viela, avistaram o caminhão baú com as tampas traseira aberta como uma rampa. O agente mandou Stefan subir, normalmente. O Stefan teria recusando-se, mas a pistola na mão do agente e os acontecimentos fez ascender sem perguntas, entrando no caminhão tendo a rampa recolhida e as tampas fechadas.

Ao longe ouvia-se as sirenes da polícia.

Assim que o carro parou, dentro do baú, um agente falou pelo rádio:

— Pássaro na Arca de Noé: repito! Pássaro na Arca de Noé.

Strong ordenou:

— Faça como o planejado, siga para o galpão, mas siga as instruções da escolta.

Refeito do susto, Stefan perguntou:

— O que é isto? Um sequestro?

Os quatro agentes presentes identificaram-se como do FBI.

A bordo de um jato voando para a ilha, Marroquino, que tinha planejado a ação para sequestrar Stefan, achava que a esta hora tudo estava resolvido. Não tinha como dar errado.

— Eu, Jhonson, e Donaldson recebemos comunicação do Strong para ir para o galpão, onde ele estava esperando o caminhão.

Depois de circular, aparentemente sem destino, dando voltas no quarteirão, o baú chegou ao destino.

No galpão, assim que as portas do caminhão foram abertas, Stefan desceu esbravejando contra tudo e contra todos. Alegando que sequestro e cárcere privado era um crime muito grave e que assim que estivesse livre denunciaria todos os envolvidos.

Strong apresentou-se:

— Meu nome é Strong e sou agente do FBI responsável por esta operação. Se o senhor deixar eu tentarei explicar.

— Tente, não tenho pra onde ir mesmo. — falou Stefan com deboche no tom da voz. — Porque não me consta que o FBI age fora da lei.

— Olha senhor Stefan, na verdade nosso ato salvou sua vida, porque os verdadeiros sequestradores iam levá-lo para o Dr. Jonas e não era para uma reunião de negócios.

— Não brinca. — disse Stefan zombeteiro. — Para seu governo, quando o Dr. Jonas quer falar comigo é no escritório ou em sua casa. Portanto senhor agente, conta outra.

Neste momento chegamos; eu, Jhonson e o Donaldson.

Quando Stefan nos viu, exclamou bem alto!

— Agora está explicado, tudo isto é uma armação do “tico do “teco” e do assassino aí. — apontou pra mim. E continuou: — Dessa vez vão capar-me mesmo? Porque da última vez o tico (apontando para o Donaldson) queria cortar meu pênis de qualquer jeito.

Todos riram, menos Strong.

— Não, senhor Stefan. Não sei o que aconteceu antes, mas agora o senhor está sobre a proteção do FBI.

— Então. — voltou Stefan sarcástico. — O que faz o trio tenebroso nas fileiras do FBI?

— O trio. — disse Strong. — Como o senhor disse, faz parte de outro órgão do governo, o S.I.

— Bem, não me interessa. Exijo ser liberado imediatamente, sem demora.

— Olha senhor Stefan. — falou Strong. — Acho que o senhor não entendeu, assim que for liberado, sua vida não valerá nada.

— Não quero saber, isto é problema meu e de mais ninguém!

— Tudo bem. — disse Strong. — Só lhe peço que entre em seu carro que está no caminhão e eu mando levá-lo onde quiser. Sem isto não tem acordo. Essa medida é para resguardar este local que não pode ser revelado e seria perigoso deixá-lo sair dirigindo daqui.

— Muito bem. — disse Stefan subindo no caminhão. — Pode deixar-me na rua que entrei no baú.

— Só vou comunicar ao chefe de polícia onde você vai estar são e salvo, para depois não falar que você sumiu e que somos responsáveis. — disse Strong.

Stefan parou, voltou-se e perguntou:

— Ao Solano, chefe de polícia?

— Sim. — respondeu Strong.

Stefan lembrou-se das palavras da sequestradora: “com os cumprimentos do doutor”, então perguntou:

— Vocês sabem que o Solano está na folha de pagamentos do Jonas?

— Sim sabemos. — respondeu Strong. Stefan passou a mão na testa, coçou a nuca, ficou um momento em silêncio, então perguntou:

— Como o FBI sabia que eu seria sequestrado? E não me venha com desculpa que foi coincidência todo aquele aparato!

— Não. Não foi coincidência. Recebemos a informação que você seria sequestrado da central.

— Tá brincando?! — disse Stefan!

— Não estou não! E mais, tudo foi armado pelo Marroquino e Jonas.

— Não estou entendendo. — falou Stefan. — Quando Dr. Jonas quer falar comigo ele liga ou manda a secretária ligar.

— Aí é que está o problema. — disse Strong. — Reunião com você no escritório ou na mansão, deixa rastros e ligaria ao seu desaparecimento.

— Um sequestro por “bandidos” em plena luz do dia e registrado por várias câmeras, oferece um álibi perfeito. — e continuou. — Uma coisa é certa, se nós não tivéssemos intervindo, agora você estaria sendo torturado, ou morto para servir de comida aos tubarões.

— Bem senhor Stefan. — disse Strong. — O senhor está liberado, é só entrar no seu carro.

Strong tinha usado tudo que aprendera sobre a fraqueza humana!

Dr. Jonas jogou longe um cinzeiro e esbravejou:

— Como aconteceu isto? Como pode vocês falharem em uma simples missão de sequestrar um cara desarmado e inofensivo?

Dos homens diante do Jonas, um encarou o alhar gélido e respondeu:

— Não sabemos como homens parecendo policiais federais estavam nos esperando. Tudo estava saindo como o planejado por Marroquino, até que Raquel rendeu o Stefan. Aí surgiu um homem bem preparado que deu uma gravata nela, não antes de levantar o braço com a arma. E imediatamente depois de alvejar Raquel sentou-se ao lado do Stefan. Foi tudo muito rápido, Dr. Jonas.

— Na minha opinião. — continuou o homem. — Houve vazamento de ação, já estávamos sendo esperados.

Jonas de Costa, ficou um pouco pensativo analisando o que acabou de ouvir:

— Não havia a menor dúvida que houve vazamento, alguém no grupo estava passando informações. Mas quem?

Um pouco mais calmo, dispensou todos, mandando ficarem de olhos abertos sobre o paradeiro do Stefan.

Quando os homens saíram, ligou do seu celular privado para o chefe Solano marcando uma reunião à noite e se preparando para dar a má notícia a Marroquino que ainda estava viajando.

Stefan, mais calmo, perguntou ao Strong:

– O que o FBI quer de mim?

– Jogo aberto, Stefan?

– Sim. – respondeu!

– É o seguinte, você tem informação que nos interessa e se cooperar e nos ajudar, poderemos ajudá-lo também.

– Olha. – disse Stefan. – Vocês pensam que a organização do Jenkis é coisa pequena? Estão enganados, os tentáculos abrangem quase todo mundo. Derruba governos, aniquila grandes corporações. Proteção? Não existe contra eles.

Foi a vez de Jhonson falar:

– Stefan, a situação é bastante complicada, mas no momento nós somos a melhor opção. Pense nisto.

Stefan ficou pensativo um longo tempo.

– Há uma saída. – retornou Stefan. – Talvez possamos ajudarmos mutuamente. Eu ajudo o FBI e o FBI me ajuda. Tenho uma proposta!

– Estamos ouvindo. – disse Strong!

– É o seguinte: eu tenho dupla cidadania; talo-americana. Se chegarmos a um acordo, ajudo vocês e o FBI coloca-me em uma certa região do mar mediterrâneo na costa da Sicília.

– Clandestinamente? – perguntou Donaldson!

– Sim, claramente: lá desapareço, viro fantasma.

– Vou consultar à central. – falou Strong.

O chefe Solano chegou às vinte horas e estava com um ar muito preocupado quando foi recebido por Jonas.

Após uma conversa trivial, Jonas entrou no assunto principal. A ação frustrada.

– Olha Solano, que confusão heim?

— Nem me fale, passei a tarde toda atendendo o telefone e o mais irado foi do prefeito que exigiu providências contra este ato de banditismo.

— A imprensa também está no meu pé e já marquei uma coletiva para amanhã.

Após beber um gole de whisky perguntou:

— O que houve lá Jonas? O que facilitou?

Pela primeira vez desconfortável, Jonas tentou explicar:

— Não sabemos como, mas nosso pessoal já era esperado e parece pelos federais.

— Como souberam?

— Parece que houve vazamento da operação.

— Um delator no grupo? — perguntou Solano!

— É o que parece e o pior, se Stefan estiver com os federais, a coisa vai se complicar.

Solano levantou-se:

— Bom Jonas, vou mantê-lo informado e se descobrir alguma coisa sobre o informante avise-me.

Solano ao sair, sentiu que a bomba podia explodir no seu colo. Uma vez que Stefan sabia da relação do Jonas com ele.

Quando Marroquino soube do fracasso da operação estava conversando com mister Jenkins. Ficou possesso com um violento ataque de raiva, culpando-se pelo ocorrido. Achava que deveria ter ficado para coordenar a ação, só não ficou porque Jonas achou o plano perfeito e havia pressa em sua volta para organizar a segurança do pai na viagem aos Estados Unidos.

— Olha meu amigo. — disse Jenkins. — Não se culpe tanto, você deixou tudo planejado. Agora o que me preocupa é o vazamento da ação, isto prova que temos um espião em nossa organização e tem mais: o Stefan é um grande problema porque tem acesso ao nosso modus operandi. Por isto, já ordenei para trocar todas as senhas e códigos do sistema. — e continuou: — O Jonas confia muito, eu mesmo já

tinha advertido sobre Stefan. Mas ele disse que estava tudo sob controle. Bem amigo Marroquino, quero que descanse e passe organizar a viagem, porque além da “feira” ir muito carregada, vamos embarcar algumas autoridades importantes, que vão conosco participar da feira de joias.

— Quem são às autoridades que vão conosco, senhor Jenkins?

— O sultão de Kazir, o primeiro ministro de Donga, o presidente de Anderá e a viúva do falecido Califa Al-Jazum.

— Uma coisa senhor. — perguntou Marroquino: — Alguns desses viajantes vão acrescentar gemas a “feira”?

— Sim. — respondeu Jenkins.

— Então. — disse Marroquino: — Todo cuidado com a segurança é pouca.

— Bem senhor Stefan. — falou Strong. — Vou mandar alguns agentes escoltá-lo até uma casa nos arredores da cidade. Só peço que não use o computador e o celular, podem estar sendo rastreados e também peço que saia daqui com os olhos vendados para nossa e sua segurança. Logo sua venda será tirada.

— E meu carro? — perguntou Stefan.

— Ficará guardado aqui, porque imagino que nesse momento, a cidade está sendo vasculhada pela polícia e sequestradores à sua procura.

Em seguida, destacou quatros agentes para escoltar Stefan até o esconderijo.

— Ah Stefan, um agente irá comprar roupas e produtos de asseio pessoal, basta fornecer as medidas.

No dia seguinte, Strong visitou o chefe de polícia que o recebeu em seu gabinete.

Após os cumprimentos, Solano perguntou:

— Estava viajando?

— Sim. — respondeu Strong. Em seguida perguntou: — Que confusão foi aquela ontem no Brickel? Soube hoje!

Solano respondeu:

— Foi coisa de gangues para sequestrar um figurão. Mas estamos levantando todos os fatos e assim que tiver as imagens das câmeras vamos identificar esses bandidos e prendê-los.

— Outra coisa chefe Solano. Como anda o inquérito sobre a chacina no lago?

— Quase finalizado. — respondeu Solano. — Só faltando algumas informações técnicas e assim que tiver concluído, lhe aviso.

Strong despediu-se do chefe de polícia com a certeza que não era nada confortável sua situação.

No mesmo dia, Strong enviou os agentes que participaram diretamente da ação do sequestro do Stefan de volta à central.

Strong dirigiu-se à casa onde Stefan estava e comunicou a ele que tinha solicitado dois agentes especialistas em lavagem de dinheiro, para junto com Stefan, detalhar como funcionava a organização do senhor Jenkins.

Assim que Strong saiu do gabinete de Solano, ele ligou para Dr. Jonas dizendo que tinha que lhe falar com urgência.

Os dois agentes enviados pela central, apresentaram-se ao Strong no hotel designado. O agente Kent e a agente Walkiria, a “Walk”, depois de colocar Kente e Walk a par da situação, avisou que mandaria apanhá-los às oito horas do dia seguinte. Despedindo-se, Strong foi encontrar comigo, Jhonson e Donaldson para comunicar a chegada dos agentes encarregados de colher informações e dados do Stefan.

Solano na mansão do Jonas muito preocupado, a ponto de o Jonas perguntar:

— Problemas, amigo?

Solano tomou um gole da bebida oferecida por Jonas, respirou fundo como se estivesse tomando coragem, então falou:

— Jonas, o tiroteio de ontem em horário de rush causou muita confusão. Eu estou sendo pressionado pelo prefeito e pela imprensa para resolver o assunto. — fez uma pausa e continuou: — As fitas das câmeras das ruas próximas estão sendo examinadas e com certeza serão identificados alguns elementos.

Perguntou Solano:

– Seu pessoal teve participação no tiroteio?

– Talvez. – respondeu Jonas, enfático!

Então disse Solano:

– Afaste os elementos que participaram da ação porque serão identificados e poderá trazer problemas para você.

Exatamente oito horas em ponto, um carro parou em frente ao hotel onde Kent e Walk já esperava. Depois dos cumprimentos rumaram para casa de apoio onde era esperado por Strong, que fez as apresentações. E explicou ao Stefan que aqueles agente tinha a mesma especialidade que ele: eram hackers.

Stefan perguntou ao Strong:

– O acordo estava de pé ou se só seria para dar às informações?

Strong respondeu ríspido:

– Sempre cumprimos nossa parte, faça a sua e todos sairemos ganhando!

Donaldson perguntou ao Strong:

– Qual seria nossa participação nas próximas ações?

Strong respondeu:

– O iate do Jenkins já estava navegando para os Estados Unidos. Assim que entrasse no mar territorial, seria minuciosamente fiscalizado por uma força-tarefa com todos os órgãos de fiscalização. No momento, só nos resta aguardar.

À medida que Stefan detalhava como funcionava a organização criminosa de lavagem internacional de dinheiro e o contrabando de joias que muitas vezes era trocadas por armas para derrubar governos que ia contra os interesses do grupo. Kent e Walk ficavam impressionados com a sofisticação do esquema.

Assim que o super iate do senhor Jenkins adentrou as águas territorial americana. A força-tarefa composta por agentes do Tesouro, Aduana, S.I e FBI. Subiram a bordo entregando o mandado ao capitão, que entregou ao senhor Jenkins, que sorridente dizendo que ordem judicial tem que ser acatada, franqueando embarcação aos agentes.

Durante cinco dias, Kent e Walk dissecaram como funcionava a organização e quando deram por encerrada, Stefan pediu uma reunião com todos nós.

Reservadamente, Strong perguntou a Kent e Walk se foi compensatório.

Coube ao agente Kent explicar resumidamente o que foi apurado:

— Em minha vida neste segmento, nunca tinha visto tamanha organização de lavagem de dinheiro. Funciona mais ou menos assim: o dinheiro sujo é enviado a um paraíso fiscal em uma moeda. Em seguida, para outro em moeda diferente e assim sucessivamente. Dificultando qualquer chance de ser rastreado, retornando limpo à origem.

A agente Walk acrescentou:

— Fiquei surpresa!

A corregedoria de polícia afastou o detetive Jason da sua função por indícios de conduta vedada a funcionário público, enriquecimento ilícito, patrimônio em desacordo com vencimentos e suspeita de conluio com o crime organizado.

— Após o processo, se ficar provado, será expulso da polícia e sofrerá as sanções cabíveis.

O detetive Elias foi inocentado das acusações.

— Fui informado. — comunicou Strong. — Que foi liberado o iate do Jenkis e estava tudo certo, tudo em ordem até as armas dos seguranças estavam com o registro em dia.

— Sinceramente. — disse Strong. — Estou surpreso.

— Vistoriar uma embarcação de 460 pés, um míni transatlântico e não encontrar nada de errado é surpreendente!

Donaldson perguntou ao Strong:

— Agora que o Stefan cumpriu sua parte no trato, como vamos resolver a situação dele?

— Isto mesmo. — disse Jhonson!

— O que você acha Douglas? — perguntou Strong!

— Devemos ouvi-lo. — respondi. — Mas sem as presenças de Kent e Walk, porque nesses casos, quanto menos pessoas souberem, melhor!

— Muito bem. — disse Strong. — Como já concluíram a missão, vou despachá-los para a central.

Em seguida comunicou ao Stefan que no dia seguinte se reuniria para tratar do acordo com ele firmado.

Jonas em seu escritório soube da liberação do iate. Então deveria ir a Nova York reservar acomodações para seu pai e a comitiva que o acompanhava. Como já tinha reservado hotel. Iria só acompanhar de perto, mas antes, tinha dois assuntos para resolver: o desaparecimento do Stefan, tomando algumas providências no escritório. Não que houvesse nada ligando-o com o trabalho ilegal, uma vez que Stefan fazia consultoria para sua empresa de navegação.

O outro assunto, era mais preocupante no momento, era o Solano que no último encontro, mostrou-se apavorado e com medo. E uma pessoa com medo, é um perigo para quem lida com ela.

No dia seguinte, o Strong ligou para irmos nos reunir com Stefan e resolver a questão. No encontro, o Strong pediu ao Stefan delinear o que pretendia fazer e o que tinha de ser providenciado.

Bem à vontade Stefan começou dizendo:

— Durante anos aproveitava as trocas de câmbio nas operações para desviar pequenas importâncias sem serem notadas sua falta, face os bilhões manipulados nas lavagens. Nunca desviei grandes somas de uma só vez. — falou olhando para o Donaldson. — Com isto, tenho alguns milhões espalhados em paraísos fiscais e também investi em plantações de “uva de lagar” própria para produção de vinhos.

E continuou:

— Sempre tive em mente que ninguém sai dessa vida, a não ser na posição horizontal (riu).

— E você Stefan, está preparado para quebrar essa regra funesta? — perguntou Strong!

— Estou. Tenho uma grande produtora de vinho junto com familiares que nunca mencionei. Os fundos para investimentos chegavam por vias complicadas, difíceis de serem descobertos.

— Estão te esperando? — perguntei!

— Não, Douglas. Poderia criar certa expectativa e eu sempre me mantive nas sombras.

— Onde quer que deixemos você? — perguntou Strong!

— No mar mediterrâneo, na costa da Sicília.

— E você desaparece, vira fantasma? — perguntou Jhonson!

— Isto mesmo. — respondeu Stefan. — Venho planejando esse desaparecimento há anos, a entrada de vocês só antecipou a questão.

— Muito bem Stefan. — disse Strong: — Estamos providenciando sua viagem em um navio cargueiro até a costa da Sicília, chegando lá está cumprindo nosso acordo. Nós nunca tivemos contato com você, entendeu?

— Claro. — respondeu Stefan. — Para mim também é importante que seja assim.

Outra coisa:

— Nem a polícia local nem vocês federais pode acusar Dr. Jonas de nada. Ele nunca misturou qualquer ilícito aos seus negócios.

— Como assim? — perguntei!

— Limpos, todos negócios dele aqui são limpos.

— Mais alguma coisa? — perguntou Strong ao grupo!

— Sim. — falou Jhonson: — E a agenda no seu carro que foi copiada pelo Donaldson?

Stefan caiu na gargalhada:

— Só tem nomes das minhas namoradas e de alguns amigos do club. — e continuou rindo!

— Só para finalizar, Stefan. — perguntou Strong! — O que é feira? Você sabe?

— Não, só sei que está ligada ao contrabando de diamantes.

— Bem Stefan, seu navio parte daqui a dois dias. Vou mandar trazer roupas adequadas, porque não fica bem você trabalhar limpando convés com roupas de marcas.

Todos nós abraçamos Stefan desejando boa sorte!

O chefe de polícia deixou sua residência para ir ao club da polícia prestigiar a comemoração de um amigo promovido a tenente.

Saindo do club por volta da meia noite, Solano tinha tomado uns drinks a mais, mas estava sóbrio o bastante para dirigir.

Ao parar em um sinal de trânsito, um sujeito bateu no vidro com a coronha de pistola, ao mesmo tempo que outro mandava destravar as portas do carro.

Pensou em reagir, mas do carro da frente também parado, outros indivíduos apontaram a pistola pelo para-brisa. Desistiu e destravou as portas. No mesmo momento, um sentou ao lado no banco do carona e o outro no banco traseiro. O indivíduo do carro da frente, fez sinal com a pistola para segui-lo.

Depois de meia hora, seguindo o itinerário da sua casa, mandaram estacionar no acostamento em um trajeto bastante sinuoso.

O sujeito do carro da frente desceu com um litro de whisky na mão, só aí foi que Solano notou que todos usavam luvas.

Uma hora e vinte cinco minutos no relógio do Dr. Jonas, seu celular privativo tocou, Jonas depois de olhar o visor, perguntou:

— Sim?

Do outro lado um lacônico:

— Feito!

Dr. Jonas com um sorriso preparou-se para deitar-se.

A noite durante o jantar, eu, Jhonson e Donaldson. O assunto foi a despedida do Stefan. Todos torcendo para dar certo.

O celular do Donaldson tocou, era o Strong querendo saber onde estávamos. Quando disse onde, Strong falou para esperá-lo que tinha assunto urgente para tratar conosco. Esperamos!

Strong chegou com ar de euforia estampado no rosto e depois de pedir uma cerveja, falou:

— Olha pessoal, o iate do Jenkis atraca amanhã às 16 horas em Nova York e vamos abordá-lo.

— Como abordá-lo? — perguntei! — Não foi minuciosamente revistado, não sendo encontrado nada ilegal?

— Agora é diferente. — disse Strong. — Já ouviram falar da suposta feira?

Concordamos com a cabeça!

— Pois é, está escondida no iate.

— E como você soube? — perguntou Donaldson!

— Meu superior Hemberly, chegou hoje a Nova York e tem informação sobre o esconderijo.

Antes que perguntássemos alguma coisa, o Strong disse que era para estarmos no aeroporto às seis horas da manhã:

— Não atrasem!!!

Manchete nos principais jornais: chefe de polícia, Solano Tipiano, morre em acidente de carro. Fotos do carro incendiado.

A matéria falava que a provável causa seria embriaguez, uma vez que tinha participado da festa de promoção de um amigo a tenente.

Mas só a perícia poderia esclarecer o que realmente havia ocorrido.

Na manhã seguinte quando chegamos ao aeroporto, Strong já nos aguardava. Foi só embarcar no pequeno jato e partir.

Quando chegamos a sede do FBI em Nova York, fomos recebido pelo agente especial Hemberly, que depois de abraçar Donaldson, foi apresentado a mim e ao Jhonson.

Depois de apertar minha mão, Hemberly disse que me conhecia por nome.

— Bem, comentou Hemberly. — Não temos tempo a perder, o iate atraca às dezesseis horas e já está tudo pronto para a abordagem.

— Mas não foi todo revistado? — perguntou Donaldson!

— Sim. — respondeu Hemberly. — Só que agora, nós temos informações onde está escondida a “feira” que é uma embalagem especial para contrabando de pedras preciosas.

— Olha. — voltou Donaldson. — Se a informação não for correta e se nada for encontrado, seu pescoço vai estar na força meu amigo!

— Sei disso. — respondeu Hemberly.

— O esquema da abordagem já está preparado? — perguntou Strong.

— Tudo ok. — respondeu Hemberly!

Dr. Jonas depois de resolver as acomodações, ficou no hotel com alguns amigos para recepcionar o pai no heliporto do hotel.

Quando o enorme iate atracou e a rampa foi baixada, Hemberly, Strong, Donaldson e eu, seguido de vários agentes subimos até o convés. Fomos recebidos pelo capitão que ao receber o mandado, falou que já tinha vistoriados pelas autoridades e liberados.

Face à insistência do Hemberly, o capitão comunicou-se pelo interfone com mister Jenkins, que avisou que estava indo receber a fiscalização.

O senhor Jenkins chegou acompanhado por Marroquino e mais dois seguranças armados, e foi logo falando:

— Sou Jenkins o proprietário. Quem são os senhores?

— Agente especial Hemberly, agentes Strong, Donaldson, Jhonson e Paul!

Felizmente, ninguém me reconheceu, face a barba e o cabelo grande.

O capitão falou:

— Senhor, eles têm um mandado para vistoriar o barco.

Jenkis estendeu a mão e pediu:

— Posso ver?

— Claro. — respondeu Hemberly, estendendo o documento.

Depois de examinar o mandado, passou para Marroquino que deu uma olhada e devolveu ao Hemberly.

Sorrindo, Jenkis comentou:

— Ordem judicial não se discute, cumpre-se!

— Bom, senhor agente, por onde quer começar?

— Pela casa de máquinas. — respondeu Hemberly.

A figura do Marroquino era impressionante: alto, forte com uma barba bem aparada e vestido com um terno impecável. Não tirava os olhos do nosso grupo.

Antes de seguir para casa de máquinas, o Hemberly destacou dois agentes para guardar a rampa e convocou uma agente com filmadora para acompanhar a inspeção.

Chegamos à casa de máquinas, sempre acompanhados do senhor Jenkis, Marroquino e dos dois seguranças.

— Pronto, chegamos. — comentou Jenkis com um sorriso, zombeteiro no rosto.

Hemberly deu uma ordem:

— Examinem as caixas de controle, mandando soltar todas tampas parafusadas.

Quando terminou, foi constatado que não havia nada de errado no local.

O Jenkis, com um sorriso comentou:

— Viu agente Hemberly, não tem nada de errado!

— Vamos para o compartimento dos tanques de combustível.

Jenkis ficou um pouco pálido, mas recuperou-se rápido.

No corredor para os enormes tanques, Jenkins segredou no ouvido do Marroquino:

— Se precisar, crie uma confusão e leve-me ao helicóptero.

— Sim senhor. — respondeu Marroquino!

Quando chegamos aos enormes tanques, Marroquino falou pela primeira vez:

— Creio que não seja necessária a presença do sr. Jenkins aqui!

— Lamento, senhor Marroquino. — disse Hemberly. — Mas é indispensável a presença do proprietário para atestar a lisura da operação. Por isto, documentamos com as filmagens.

Nesta altura, o Jenkins já não estava com o sorriso de antes.

— O senhor não pode manter o senhor Jenkins aqui contra sua vontade. — disse Marroquino de forma dura.

Hemberly de forma mais dura ainda:

— Posso sim, senhor Marroquino!

O clima ficou tenso quando Hemberly dirigiu-se ao suporte que segurava as tampas dos tanques.

De repente, o Jenkins saiu correndo e quando um agente tentou segura-lo, um dos seguranças atirou no agente que caiu ferido.

Strong sacou e atirou no segurança, atingindo-o no peito.

Marroquino subiu a escada que dava para os convés, sempre atirando.

Como eu estava perto da escada, saí atrás do Marroquino e quando cheguei no convés, Marroquino saiu detrás de um bote salva-vidas e atirou atingindo-me no antebraço.

Hemberly, que vinha atrás de mim, atirou no peito de Marroquino que com o impacto, caiu na água por cima da mureta.

Outros agentes que vinham chegando debruçaram-se procurando onde o corpo tinha caído mais não viram mais, a correnteza no local era muito forte.

O socorro chegou logo sendo feito um curativo. Por sorte, a bala atravessou entre o peito e antebraço, não atingindo nenhum osso. O médico queria que eu fosse para o hospital, mas não aceitei.

Quando voltei à área dos tanques, vários policiais dava cobertura. O Jenkis estava seguro por dois agentes.

Ficamos aguardando o Hemberly, que tinha ido desarmar a segurança e confinar toda tripulação no convés, apreendendo todas as armas que estava em um armário.

Quando retornou, estava acompanhado por três pessoas. Os hóspedes do Jenkis, um senhor com turbante, outro com trajes asiáticos e uma senhora ricamente trajada.

Hemberly comentou com o Jenkis:

— Seu secretário Marroquino foi baleado e caiu na água e neste momento, está sendo procurado pela patrulha marítima. — e continuando: — Agora vamos ver o que tem de tão importante nestes tanques.

Marroquino esgueirou-se na água até um pequeno iate atracado atrás do iate do Jenkis. Subiu agilmente por uma escadinha de corda e quando saltou para a coberta, foi recebido por um casal de agentes da “CIA”.

A mulher perguntou:

— Como se sente, agente Taylon?

— Molhado, baleado e dolorido. — respondeu rindo.

— Para chegar aos bocais do tanque. Precisava soltar uma espécie de fechadura com cadeado.

Hemberly perguntou a um funcionário do iate quem tinha as chaves.

— Lorenzo. — respondeu o funcionário!

Hemberly mandou um agente com o funcionário ao convés onde os tripulante estavam buscar Lorenzo, avisando para ele trazer as chaves.

Marroquino tirou o paletó, colete a prova de balas com uma cravada no meio do peito e quando tirou a camisa, apareceu uma pequena mancha roxa na direção onde foi baleado.

Quando Lorenzo chegou com o molhe de chaves, Hemberly mandou ele tirar o tampão e abrir os bocais dos tanques.

O senhor de turbante perguntou o que estava fazendo ali.

Hemberly, com respeito, pediu alguns minutos da atenção de todos. Em seguida tirou o paletó, arregaçou a manga da camisa enfiando o braço no primeiro tanque, nada encontrado. No segundo tanque, o maior deles, repetiu a manobra e foi tateando até a mão encontrar uma espécie de corda de nylon que foi puxando até aparecer uma coisa parecendo uma sucuri que quando retirada tinha cerca de quatro metros.

Marroquino no banheiro, olhou-se no espelho e pensou: aos trinta e oito anos, precisava diminuir o ritmo dessas missões arriscadas. Pegou o barbeador começando a tirar a barba que vinha cultivando há longos anos.

Hemberly, sempre filmado, abriu o fecho-éclair que quando aberto totalmente. Apareceu outra embalagem, um pouco mais fina limpa de óleo diesel como a primeira com um velcro, como se fosse uma tampa que ao ser aberto fez surgir várias pedras preciosas que cintilava no ambiente.

Quando acabou de tirar a barba, Marroquino (ou agente Taylon?) pegou uma tesoura, desbastou um pouco do cabelo e depois de demorado banho, pegou um pote de gel de cor amarelada passando um pouco no cabelo, que de preto, ficou castanho escuro.

Imediatamente, Hemberly deu voz de prisão ao Jenkis por contrabando de pedras preciosas e evasão de divisas. Em seguida pediu um carro forte e escolta para o preso e os diamantes.

Marroquino, colocou uma bermuda branca, uma camisa tipo havaiana, tênis e um boné escrito: bad boy. Pegou uma mochila que estava em cima da cama. Examinou o conteúdo. Colocou um óculos escuro. Cumprimentou o casal de agentes. Desceu a rampa do pequeno iate. Misturou-se com as pessoas e sumiu na multidão.

Hemberly agradeceu a presença de todos, comunicou aos hóspedes do Jenkis que estavam liberados.

Já no convés, depois que o Jenkis foi conduzido para a delegacia e o carro forte ter levado os diamantes para lugar seguro, ficamos algum tempo comentando o caso.

Disse que lamentava o Jonas não ser punido. E não ter sido comprovado a morte de Marroquino. Hemberly foi taxativo:

— Marroquino não está morto!

Face nosso espanto, comentou:

— Olha o Marroquino que vocês conhecem, é um dos agentes mais inteligentes e competentes da CIA.

Com a surpresa estampada em nossos rostos, continuou:

— Quem vocês acham que passou as informações, sobre o sequestro do Stefan? O esconderijo da feira? Entre outras!

— Neste momento. — continuou Hemberly. — Está indo para qualquer continente para nova missão!

— Para conhecimento de vocês. — falou Hemberly. — As informações passadas pelo Stefan, mais o relatório do Marroquino, vai permitir desarticular a rede criminosa do Jenkis e Jonas. Se as coisas caminharem como estão, brevemente o Jenkis e o Jonas serão acusados por lavagem de dinheiro internacional.

— Bem Douglas, você teve participação fundamental. Neste caso, agora peço que devolva a carteira e pistola. Mas tenho uma boa notícia para você. Foi retirada a acusação de assassinato do Matt, a perícia encontrou vestígios de pólvora e as impressões dele na arma. Agora Douglas, você é um homem livre!

Virando-se para Donaldson, Hemberly agradeceu a ajuda no caso.

— Um momento. — disse Jhonson. — Douglas, você não quer ser instrutor de lutas na nossa equipe? Posso mexer os pauzinhos!

— Não amigo. — respondi. — Eu e Donaldson estamos pensando abrir uma agência de detetives ou uma empresa de segurança, vamos decidir!

— Muito bem. — voltou Jhonson. — Qualquer coisa sabe onde encontrar-me!

Nos despedimos do Hemberly e Jhonson, descendo a rampa do iate.

Rindo, Donaldson perguntou-me:

– Vamos tomar uns drinks?

– Vamos, mas quem paga a conta, valise ou a conta no paraíso fiscal?

Fim

J. Oliveira

Notas do Autor

Nomes, fatos, situações, locais e tudo nessa obra, são frutos da imaginação do autor.

Sobre o Autor

José de Oliveira nasceu na cidade de Itabuna na Bahia.

Cursou Direito na Universidade de Santa Úrsula, no Rio de Janeiro.

No Estado do Pará desde 2003, na Cidade de Tailândia, dedicou-se ao meio ambiente e a segurança pública.

Fundou com amigos, o jornal o Guardião, do qual foi Diretor e Redator.

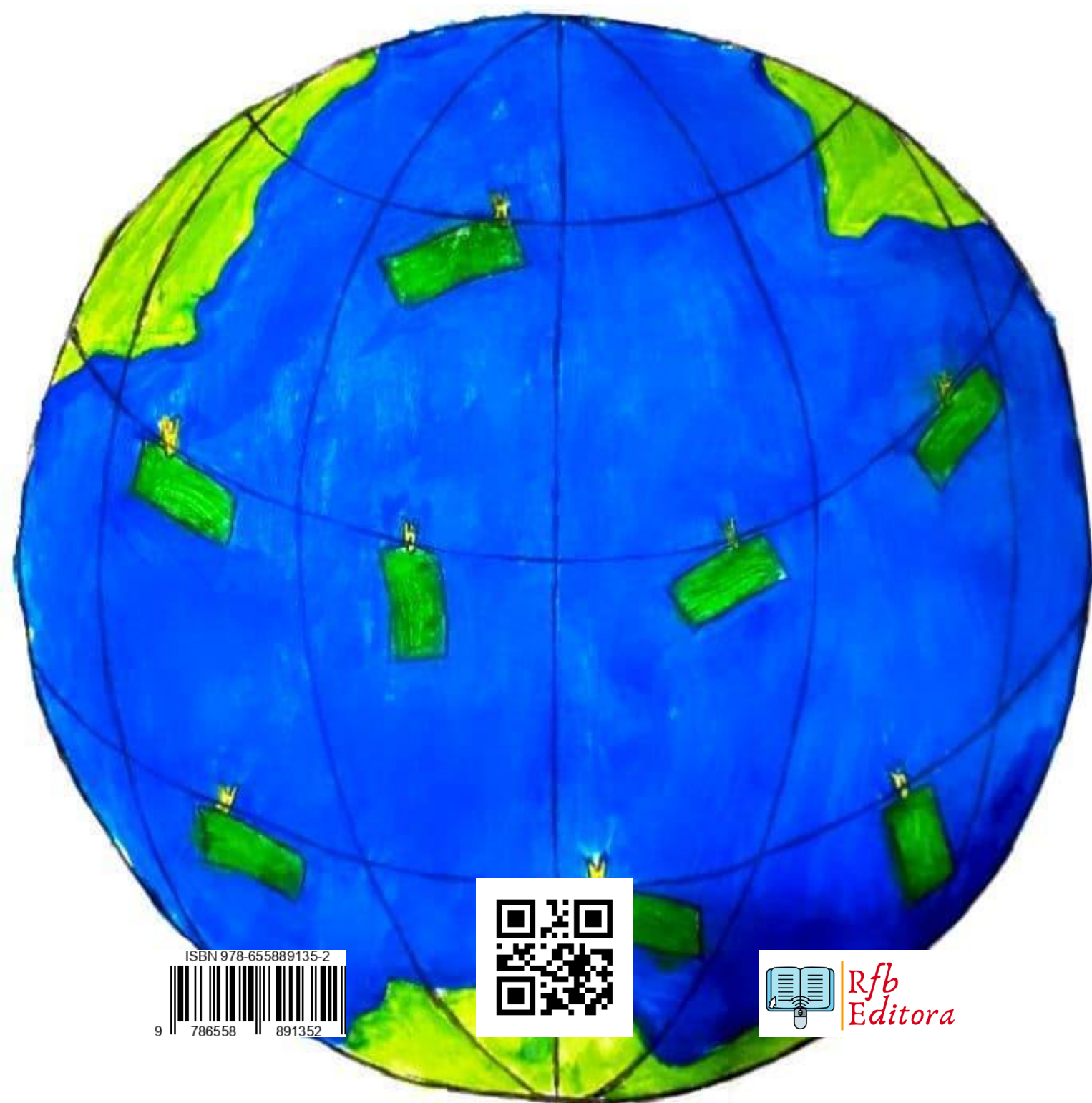
Como Diretor eleito do conségta, instituído pelo Pronasei do Ministério da Justiça colaborou com a segurança de Tailândia na reestruturação via Conasp.

Participou da capacitação em recursos humanos e na defesa civil contra impactos na natureza.

Atualmente, como Escritor e Ex-Secretário de meio ambiente dos municípios de Tailândia e Concordia do Pará. Defende que os crimes ambientais sejam tratados com o rigor das leis.

|| SINISTRA LAVAGEM

J. OLIVEIRA



ISBN 978-655889135-2



9

786558

891352



Rfb
Editora